



**Organizadora**  
**Taysa Matos**

**DIREITO & ARTE**  
**Pelo Direito da Poesia!**





**Copyright**© Tirant lo Blanch Brasil  
*Editor Responsável:* Aline Gostinski  
*Assistente Editorial:* Izabela Eid  
*Capa e diagramação:* Natália Carrascoza Vasco

**CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO:**

**EDUARDO FERRER MAC-GREGOR POISOT**

*Presidente da Corte Interamericana de Direitos Humanos. Investigador do Instituto de Investigações Jurídicas da UNAM - México*

**JUAREZ TAVARES**

*Catedrático de Direito Penal da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Brasil*

**LUIS LÓPEZ GUERRA**

*Ex Magistrado do Tribunal Europeu de Direitos Humanos. Catedrático de Direito Constitucional da Universidade Carlos III de Madrid - Espanha*

**OWEN M. FISS**

*Catedrático Emérito de Teoria de Direito da Universidade de Yale - EUA*

**TOMÁS S. VIVES ANTÓN**

*Catedrático de Direito Penal da Universidade de Valência - Espanha*

*É proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, inclusive quanto às características gráficas e/ou editoriais.*

*A violação de direitos autorais constitui crime (Código Penal, art.184 e §§, Lei nº 10.695, de 01/07/2003), sujeitando-se à busca e apreensão e indenizações diversas (Lei nº9.610/98).*

*Todos os direitos desta edição reservados à Tirant Empòrio do Direito Editorial Ltda.*



***Todos os direitos desta edição reservados à Tirant lo Blanch.***

Avenida Brigadeiro Luiz Antonio nº 2909, sala 44.

Bairro Jardim Paulista, São Paulo - SP CEP: 01401-000

Fone: 11 2894 7330 / Email: [editora@tirant.com](mailto:editora@tirant.com) / [atendimento@tirant.com](mailto:atendimento@tirant.com)

[www.tirant.com/br](http://www.tirant.com/br) - [www.editorial.tirant.com/br/](http://www.editorial.tirant.com/br/)

# Organizadora Taysa Matos

## DIREITO & ARTE Pelo Direito da Poesia!

Affonso Ghizzo Neto,  
Ana Claudia de Almeida Garcia  
Ana Maria Pereira de Souza  
Aruani Kindermann Lapolli  
Bartira Macedo Miranda  
Bernardo G. B. Nogueira  
Bruno Espiñeira Lemos  
Cássio Pitangueira  
Claudio Melim  
Cynthia Possídio  
Efsom Lima  
Elena Arantes  
Eliane Câmara  
Eliene Rodrigues de Oliveira  
Elizabeth de Araújo Souza  
Ezilda Melo  
Fabiana Otero Marques  
Flora Augusta Varela Aranha  
Gustavo Medeiros  
Homero Chiaraba  
Jaécio Matos Santos  
Jarbas Matos  
Jefferson de Carvalho Gomes  
José Calvo González  
Karina Guerreiro de Sá  
Kássia Cristina de Sousa Barbosa

Kleber Zanchetta  
Lia Testa  
Luciana Pimenta  
Luciana Santos  
Márcia Letícia Gomes  
Marisa Falcão  
Monaliza Montenegro  
Nely Nazareth  
Nic Cardeal  
Paloma Leles  
Paulo Ferrareze Filho  
Paulo Ferreira da Cunha  
Paulo Silas Filho  
Rafael Fernandes Caldeirão  
Rafael Tubone Magdaleno  
Rafaela Alban  
Renan Francelino da Silva  
Renato S. S. Schindler Filho  
Rodolfo Pamplona Filho  
Rodrigo Luz  
Samuel Lourenço Filho  
Sérgio Matos  
Taysa Matos  
Thais Elislaglei Pereira Silva da Paixão  
Zilka de Sá Barros



**tirant**  
lo blanch



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
PELO DIREITO DA POESIA.....	11
A TEIA E O ORVALHO.....	14
(A)MAR.....	15
(DES)DIZENDO.....	17
A CASA DA RUA.....	18
A CONCEIÇÃO EVARISTO.....	19
A JANELA.....	21
A MULHER REVOLUCIONÁRIA.....	22
A REFORMA TRABALHISTA.....	23
A SOMBRA NA ESCADA.....	25
ACREDITAMOS.....	26
AGOSTO LILÁS.....	27
ÁGUA PROFUNDA & SENECTUTE IURA.....	28
AO ESPELHO.....	30
AO VER O GUAÍBA.....	31
ARREPIOS.....	32
BECO DA JOVEM.....	33
BEIJA-FLOR.....	36
BROTANDO JÁ.....	37
BUSCANDO O EQUILÍBRIO.....	38
CABO DE GUERRA.....	39
CACOS.....	40
CARTAS À BENGUELA.....	41
CARTESIANO.....	42
CORPOS ENTRELAÇADOS.....	43
CORPOS FEMININOS.....	45

COSMOVISÃO .....	47
DA MIXOFOBIA À MIXOFILIA .....	48
DESÁGUA.....	50
DISTÂNCIA.....	51
DO HOMEM DE POEMA.....	52
ECO .....	54
EGOÍSTA OU ALTRUÍSTA.....	55
ELEIÇÃO .....	56
EM MADRUGADA .....	57
ENCARCERADA .....	58
ENCONTRO DAS IRMÃS.....	62
ENREDO DO NÃO DIREITO .....	64
ERA DIA DE ESTREIA .....	65
ERA UMA VEZ UM POETA .....	68
ESTAÇÃO DA LAPA .....	70
EU ALI ESTOU PRESENTE .....	71
EXCRESCÊNCIA .....	72
FÉ (MENINA).....	73
FEMININO CAÓTICO.....	75
GAIOLAS E O DIREITO DE SER LIVRE.....	77
INTOLERÂNCIA .....	78
INTUIÇÃO .....	79
LIRISMO ACANTOADO.....	80
LUTAR É MINHA SINA - AUTOBIOGRAFIA DE UMA FEMINISTA NORDESTINA.....	81
LUTO NACIONAL.....	85
MEIA ESTAÇÃO E MUITAS EMOÇÕES.....	86
MENTIRA.....	88
MORADA .....	89
MORTES SECAS .....	90
MULHERES DA BAHIA.....	94

NA CONTRAMÃO .....	95
NA MINHA PELE .....	96
NA VERTIGEM DO DESEJO .....	98
NOSSAS VIDAS.....	102
NOSSOS CORPOS.....	103
NOTA TELEGRÁFICA 8 .....	105
NOTA TELEGRÁFICA 10 .....	106
NOTA TELEGRÁFICA 11 .....	107
NOTA TELEGRÁFICA 12.....	108
NOVA MORADA.....	109
O AMOR DEBÊNTURE .....	110
O DESPEJO DAS LEMBRANÇAS.....	111
O “ESTAR” E O “SER” .....	113
O GRITO MUDO E SURDO.....	114
O INVERSO DO MEU INVERSO.....	116
O QUE SE BUSCA É ENCONTRADO? .....	117
O REFLEXO NO ESPELHO .....	119
ODE À CONSTITUIÇÃO .....	120
OLHOS.....	121
PARAHYBA FEMININA .....	122
PEDRA DOS DOIS OLHOS .....	123
PÉROLAS.....	125
PINTURAS .....	126
POR QUE POESIA? .....	127
PORQUE EU SEI OS DEFEITOS QUE COMETO .....	128
PRAIA .....	129
PRIMEIROS VERBETES DESALINHADOS DE UMA LÍNGUA EM CONSTRUÇÃO .....	130
QUANDO NASCER MULHER.....	131
QUEBRA-CABEÇA EM PEÇAS DESENCONTRADAS .....	133
R(EVOLUÇÃO) .....	135



RENASCER DAS PRÓPRIAS CINZAS .....	136
RESPEITO .....	137
RODOVIÁRIA.....	139
SENHORINHAS DE VELÓRIO: MEU EPITÁFIO.....	140
SER CRUEL.....	141
SER PEIXE.....	142
SINTONIA.....	144
SÓ RESTARAM AS VALAS.....	145
SONETO DA DESPEDIDA .....	146
SONETO PARA MARÇO .....	147
TEMPO DE SER .....	148
TUDO DE MIM .....	149
UM MAR DE AMOR.....	150
UM POEMA DE AMOR, FANTÁSTICO (A BORGES) .....	152
VACA PROFANA .....	153
VOAR .....	155
VOCÊ PRECISA DIZER EU TE AMO .....	156
VOZEARIA E SILÊNCIO.....	158

# APRESENTAÇÃO

Os poemas publicados por autores de diferentes áreas na coluna “Direito e Arte” do site Empório do Direito, durante os anos de 2018 a 2020, encontram-se cronologicamente reunidos em quatro livros, cuja sequência de títulos coloca em jogo os termos Poesia e Direito: “Pelo Direito da Poesia!”; “Pela Poesia do Direito!”; “Pela Poesia no Direito!”; e “Pelo Direito na Poesia!”. Mas afinal, onde reside a poesia? Como encontrar o endereço de sua mágica morada?

Percorrendo o mapa interno dos quatro volumes, o leitor se depara com a vizinhança entre duas formas de arte – poemas e fotografias – que se associam (conforme seleção da organizadora Taysa Matos) em torno da poesia, essa habitante de diversas moradas. O poeta e ensaísta mexicano Octávio Paz, em um dos capítulos do seu livro “O Arco e a Lira”, obra teórica de forte viés poético, afirma que “uma tela, uma escultura, uma dança são, a seu modo, poemas. E esse modo não é muito diferente ao do poema feito de palavras. A diversidade de artes não impede sua unidade”. A poesia mostra não ter residência fixa, antes transita por diferentes campos da arte e da vida, expressando-se por meio de diferentes signos: da móvel arquitetura das palavras aos diversos ângulos da fotografia; da tela pintada à contemplação de uma paisagem; do eu lírico ao eu social; das narrativas da ficção às narrativas da história; do privado mundo interior ao público espaço das relações humanas. Afinal, voltando aos sábios ensinamentos de Octávio Paz: “paisagens, pessoas e fatos podem ser poéticos: são poesias sem ser poemas”.

E o que torna arte e vida acontecimentos poéticos? Para o teórico russo Victor Chklovski, a imagem poética é uma forma de intensificação dos nossos sentidos, que automatizados pelo cotidiano não conseguem perceber a singularização presente em nosso entorno. Assim, a experiência poética nos apresenta o mundo como se o víssemos pela primeira vez. A poesia nos proporciona, então, a oportunidade de um olhar sempre inaugural, um olhar deslocado, que abandona as amarras de um significado preestabelecido para ingressar na abertura

dos sentidos, vivenciando as múltiplas camadas do signo poético, sua densidade, a errância de seus diversos fios, sua possibilidade de colocar as várias linguagens da arte e da vida em constante transformação – mágicas e nômades moradas.

Exercício do olhar e do sentir, a poesia é simultaneamente expressão e percepção. Reside simultaneamente naquele que se dedica ao fazer poético, intensificando uma experiência de linguagem, e naquele que a percebe em sentimentos preexistentes, revelados enfim pelo contato com a experiência poética. O endereço ideal para a poesia estaria nessa esquina entre a obra oferecida e a sensibilidade de quem a acolhe. Encontro surpreendente que faz a voz de um ressoar no peito do outro, reverberando em outras tantas possibilidades do fazer poético.

Esta apresentação é um convite para uma visita aos múltiplos cômodos dessa morada em quatro volumes, a fim de vivenciarmos juntos a experiência do poético, residente em cada um de nós e que nos torna humanos.

**Marisa Aurea de Sá Falcão**  
Doutora em Literatura e Cultura (UFBA)

# PELO DIREITO DA POESIA

**Ezilda Melo<sup>1</sup>**

“A poesia immortaliza tudo o que há de melhor e de mais belo no mundo”. Mary Shelley

A coluna “Direito e Arte”, do site Empório do Direito, organizada por Taysa Matos, inicia um movimento de poetas juristas no Direito Brasileiro e abre espaço para escritores também divulgarem sua arte. É um terreno rico e fértil, cheio de possibilidades do novo. Veio em boa hora e sinaliza que os tempos mudaram e que o Direito se oxigena com novos ares.

Desde que a coluna “Direito e Arte” nasceu sou incentivadora, tanto pelos laços afetivos que me ligam à idealizadora, quanto pela possibilidade de publicação e de conhecer autores do Brasil todo que nos brindam com tanto talento, muitas vezes, escondido.

Um momento que marcou a coluna foi quando Aline Gostinski acatou a ideia, levada por Taysa, de publicar diariamente poesias no mês da mulher de 2019. Quantas autoras falaram sobre seus direitos! Como foi forte e significativa a troca entre esse mulherio imbuído da consciência de uma luta histórica por direitos.

Temos um grupo no *Whatsapp* que compartilha poesias e ideias para novas publicações poéticas e leva o nome da coluna que Taysa Matos assina. Esse grupo ferve e há entrada de novos membros, sempre. Noutro grupo, “Feminismos, artes e direitos das mulheres”, lançamos em 2019, no dia internacional da mulher, um livro com quase 100 autoras onde a maioria dos textos foram poéticos, feitos por autoras, algumas da área jurídica, todos falando sobre direitos.

Como fiquei feliz quando Taysa aceitou organizar em livro as

---

<sup>1</sup> Advogada. Professora de Direito. Mestra em Direito pela UFBA. Autora de livros jurídicos. Publicou, neste ano de 2020, sua primeira obra poética “Águas de mim” e participou da coletânea “Registros Femininos – coletânea de autoras brasileiras contemporâneas”. E-mail: ezildamelo@gmail.com

poesias que foram publicadas desde o período que a coluna “Direito e Arte” surgiu. Vibrei com essa notícia e agora ela me dá oportunidade de prefaciar esse livro.

Que alegria ver tudo isso acontecer! É um momento histórico que precisa ser celebrado no Direito Brasileiro. É a poesia falando sobre direitos. É a arte imortalizada que ficará por muitas gerações, que não sofre modificação legislativa e que representa anseios, vontades, mudanças, desejos e propicia uma nova mentalidade metodológica e novos lugares de construção do direito.

O Direito traz sabores amargos de injustiça. Tem nuances coloridas de beleza e de emoção. Nem sempre razão e uma fé inabalável que pode dar segurança social. Uma ciência sem exatidão, cheia de interpretação, modificadora, criadora, castradora, hierarquizada e cheia de pompa nos modos de falar e vestir. Possibilita reconhecimento de vulnerabilidades, de pobreza extrema e prestígio enganador que leva alguns personagens acharem que são deuses com poderes supremos, em seus carros com motoristas pagos pelos contribuintes, falando de posses e de ter. O direito não é só riqueza. É muita história triste narrada em autos processuais e também oralmente nos tribunais. O direito legislado destrói a natureza e as bibliotecas estão sempre desatualizadas.

A poesia é eternidade. É sentimento que não se pode conter que liga gerações e mostra a humanidade por traz de cada verso. A poesia encanta a multidão. Para ser poeta não precisa fazer um curso ou prestar concurso, basta escrever, com ou sem regras, o que sente. A poesia é simplicidade, é existência atemporal, liga pessoas e gerações, que permite reencontro com as marcas deixadas pelos ancestrais.

Ser poeta é estado de espírito de um sentimento idiossincrático e coletivo que deixa registro do/no sentir. A poesia é envolvente, cantada em serenata ao luar, encanta corações apaixonados, loucos para se embriagar de paixão; recitada em versos pode até ser levada aos tribunais. Quantos poetas morreram jovens, boêmios, falando das dores do existir! Quanta ligação com os direitos! Tantos poetas que também têm formação jurídica. A poesia não discrimina, no seu reino todos podem entrar.

Unir poesia ao direito é revolucionário. É mudar uma episteme embrutecida pelas regras estáticas. É dar movimento, fluidez, beleza e

encantamento.

Pelo Direito da Poesia!

Pela Poesia do Direito!

Pela Poesia no Direito!

Pelo Direito na Poesia.

Que sejamos e tenhamos poesia. Porque a existência é caótica, incerta, violenta, triste, conflituosa, embrutecedora. A poesia permite o reencontro humano e empático com a história dos outros. A poesia é alteridade e possibilidade do ser humano ser arte na existência. Leia e escreva poesia. Por uma sociedade de poetas vivos!

**Ezilda Melo**  
**Abril de 2020**

# A TEIA E O ORVALHO

A teia é tecida pelo transpassar de fios que definem sua largura, profundidade e resistência.

Sua forma expõe as finalidades dos seus objetivos.

Ela resiste, prende e limita. Fora dela não há exatidão!

Na sua coesão, se faz inabalável, na sua força, intransponível.

Porém, toda essa força não resiste a uma pequena gota de orvalho.

Esta, desapercibida, ao unir-se a teia, traz consigo a completude e leveza que esta nunca terá.

O orvalho faz morada líquida na solidez das (in)certezas.

Ao contrário da exatidão da teia, a fluidez das gotas de orvalho são disformes, não se perpetuam, são frágeis, mas, ao mesmo tempo, completas e estóicas.

Essa completude, ao se acondicionar na rigidez dos transpassados fios, produz reflexos que brilham.

São as gotas do orvalho que (des)constroem a inabalável forma e concebe o espetáculo da vida.

Vida que se (re)faz na mistura da força com a leveza, da coesão com a fragmentação, do intransponível com o ultrapassável.

É com a imperceptível gota do orvalho que a forma se deforma...

É com a diferença do real com o irreal que o brilho resplandece...

É com a soma que a competição finda...

É no desacorde do transluzir que a desproporção vira identidade...

É na mistura da teia com o orvalho que o provável e o inimaginável tornam-se palpáveis;

Que a completude do sólido com o líquido torna-se autêntica;

Que o rígido e o maleável tornam-se tangíveis;

Que o (in)definido e o aleatório tornam-se verídicos.

É no entrelaçar do inconcebível que o transpassar dos fios que tecem a teia tem seu arremate nas minúsculas gotas de orvalho!

**Taysa Matos**

## (A)MAR

– mãe, onde tá aquele rio que corria ali? –

– afogou-se, filho meu...

– mas mãe, rio sabe nadar tão direitinho pra lá e pra cá, não pode afogar na água que ele mesmo fez nascer...

– sei dizer não, menino... é assim que foi feito. Veio deus e mandou um dilúvio de lama pra afogar o rio e pronto. Acabou tudinho...

– mas mãe, deus não era pra ser bom sujeito? A senhora não vive rezando pra deus trazer saúde e vida longa pra gente tudo... ele não ia deixar o rio de fora dessa reza, logo o rio d'onde a gente mata a sede e molha as plantas e pesca o peixe...

– olha, menino, não me faz pergunta difícil porque tu sabe que não tenho estudo...

– mas mãe, quando aqueles homens vieram aqui buscar aquele teu pedaço de chão, eles prometeram não roubar o rio da gente... tô achando que não foi deus quem afogou o rio... foram aqueles homens... eles não pareciam homens de bom coração...

– quieto, menino! Não fala 'bestage'! Os homens ficaram com nosso pedaço de chão, mas deram o barco e a gente até pescou cada peixe bonito!

– mas mãe, de que vai adiantar um barco agora, se a gente não tem mais água pra ele andar em cima? E nem peixe sobrou...

– ô, filho, um barco não anda só em cima da água não, ele até pode andar em cima da tua imaginação! Como num sonho... olha só: fecha bem esses dois olhos grandes e pensa num mar bem comprido... mas fecha bem fechadinhos, pra não escapar nenhuma onda... pensou? Pois então! Agora bota o barco em cima dele e deixa a onda levar... viu como é fácil? Tem até marola no mar, viu meu filho? Não é muito mais bonito e grande do que aquele rio que tava ali? E ainda por cima é azul, visse? Bem da cor dos olhos do teu pai que o rio levou...



- mas mãe... onde tá aquele rio que corria ali?
  - ôxe! Pra que tanta insistência, menino?
  - pra eu colocar o barco em cima e ir procurar meu pai... rio de lama também faz marola, mãe? Marola pode ser azul, mãe? Se puder, eu até já sei onde encontrar meu pai...
  - deixa de onda, menino...
  - não é onda não, minha mãe... é marola... e é azul... são os olhos do meu pai... você não disse que eu podia sonhar?
- (\* uma homenagem às vítimas da barragem em Brumadinho/MG)

**Nic Cardeal**

# (DES)DIZENDO

Desconheço desperdício  
maior que o destempero  
diante do desamor  
de desconexos descontentes.

Desmanchar-se aos desejos  
dos desmandos alheios  
é desconstruir o despertar  
e nos desencontros descontar.

Não há desculpa que despiste  
os desenganos dos destinos  
nem desapego que desista  
dos deslucados desfechos.

**Aruani Kindermann Lapolli**

# A CASA DA RUA

A velha está encolhida  
Sem amparo sob a marquise  
A chuva não dá trégua  
Bate forte lavando sua cor  
A velha é moça  
Estava encardida de pó da rua  
A moça é branca  
Sujeira se lava com água  
A dor não tem jeito  
Dói na alma  
A moça não tem casa  
Dorme ao relento.

**Ana Claudia De Almeida Garcia**

# A CONCEIÇÃO EVARISTO

A nêga foi se candidatar  
Não porque queria entrar  
Mas para mostrar  
Que nêga ali não podia sentar  
Mesmo que saiba escrever

A nêga não queria tomar chá  
De banquetes nababescos  
Ela se nega a participar  
A nêga gosta é de pé no chão  
Seu ofício é contestar essa branquidão

Nêga, tudo isso é imoral  
Mas teu lugar não é como imortal  
Tu não és estática  
A nêga morre e ressuscita  
Ressuscita e morre e  
Conversa com o invisível sem morrer

Uma nêga dessa  
Tem gente que não consegue compreender  
E a nêga sorri sabendo muito mais do que as verdades daqui  
Vem nêga, senta no chão  
Vem para a roda de estória escutar

Escuta, nêga:  
O povo te elegeu  
Foi a história quem perdeu  
a oportunidade de contar  
que nessa tal de academia  
nêga também pode entrar.

**Luciana Santos**

# A JANELA

Olhando pelo lado de fora da janela,  
poucos sabem a beleza que vai desvendar  
é o colorir da alma que faz encantar  
é sentir e não invadir, como uma porta ao abrir  
é debruçar e admirar  
sentar e descansar na leveza de um chá

Olhando pelo lado de fora da janela  
não sabemos o que vamos encontrar  
é o que o vento traz ao soprar  
talvez a sujeira que devemos peneirar  
talvez só o ar necessário para respirar

Olhando pelo lado de fora da janela  
paredes duras em forma de quadrado  
é o sorriso que deixa pintada  
a tristeza ali camuflada

Olhando para o exterior da janela  
o mundo enorme lá fora  
a conquista surgindo agora  
deixar de olhar somente para dentro  
mas contagiar com seu encantamento  
e exalar flores em todos os momentos.

**Eliane Câmara**

# A MULHER REVOLUCIONÁRIA

É na arma do ódio apontada  
Que o dedo da intolerância sentencia  
Muitas são as balas da covardia  
Que executam a mulher iluminada  
Na rua escura daquela noite  
De quarta-feira  
As dores se multiplicam na avenida  
O sofrimento é bradado aos quatro cantos  
Não será em vão sua luta  
Mulher de fibra e de coragem  
Pois, a revolta brotará em flores no jardim  
Da resistência.

**Ana Claudia De Almeida Garcia**

# A REFORMA TRABALHISTA

Se nos dedicamos a analisar pormenorizadamente a questão,  
Veremos que a disputa dá-se entre os poderes da Nação.

Judiciário e Legislativo, como se isso fosse possível,

Travam uma batalha em torno do Direito, invocando seus super poderes para prevalecer o que pensam de qualquer jeito.

Aos que têm jurisdição opõem-se aquele outros com a legislação,  
Trocando em miúdos o que querem dizer talvez façam os homens de toga a lei obedecer.

À provocação que lhes é feita, de modo reativo,

Respondem os homens de preto com ativismo,

E nesse cabo de guerra flagrantemente instituído,

Destina-se à sociedade o maior prejuízo.

Haveríamos, em pleno século XXI, de estarmos discutindo o feixe de poderes que lhes é atribuído?

Ou deveríamos estar aprimorando os direitos que já foram concebidos?

No assunto em questão não há novidade: a matéria foi posta sem discussão dar margem.

O papel dos sindicatos foi constitucionalmente reconhecido e Convenções da OIT isso reverberaram no mesmo sentido.

Mas no vazio normativo ou inação dos atores sociais investidos da função,

Não foram poucas as vezes que a jurisdição deu lugar à inovação. A proliferação de normas apartadas do processo legislativo

Resultou num sistema de segurança jurídica desprovido,

Deixando sem rumo, no caso do Direito do Trabalho, sindicato, empregador e empregado.

E para corrigir essa distorção que se revela mais ampla, é preciso dizer o que já está dito,



Chegando ao extremo de se criar até princípio,  
Como forma de criar uma barreira de contenção, limitando o  
Judiciário em sua atuação.

E nessa incessante peleja, há quem na reforma nada de bom veja!  
Blocos antagônicos se formam, dos que não gostam e dos que  
com ela concordam,

Turvando, assim, a nossa visão, tirando-nos o foco do que está  
em questão:

Não é a prevalência do negociado sobre o legislado em matéria  
trabalhista,

Mas aonde chegaremos com essa postura beligerante e mani-  
queísta!

**Cyntia Possídio**

# A SOMBRA NA ESCADA

A sombra me segue na escada...

Nela estou nua e desnuda,

Me contorcendo em variações de luz das (in)certezas de cada passo;

A Sombra que me reflete o caminho também demarca os degraus;

Atrela as distâncias que confundem partidas e chegadas.

A (im)mutável sombra envolve e seduz a retorcida escada, despertando em mim desejos, desafios e medos.

A sombra me segue na escada degrau por degrau...subida e descida... luz e escuridão;

Ela dança em mim como a chama;

Toca-me com as mãos que deslizam pelo corrimão;

Dedilha meus contornos como a me desvendar.

A sombra que me segue na escada...

Finge seguir destino certo e nas suas formas me perco entre o que ficou e o que sou.

Na sombra que me segue na escada não há luz ou escuridão. Não há definição.

Mas, a sombra que tanto envolve a escada se perde nos seus caracóis de degraus iluminados, nas suas curvas inesperadas, nas voltas necessárias e nos seus inevitáveis contornos.

No mistério sensual do movimento do caracol, a escada se faz a cada degrau e, na nudez, me (re)veste de novos cominhos.

**Taysa Matos**

# ACREDITAMOS

[acreditamos]

em palavras que se escrevem  
em linha de frente em ataque  
de larga escala ato robusto &  
forte contra-ataque de revezes

[arqui-irmandade]

saiba a hora certa de atacar &  
até rasgar o verbo a palavra &  
rosnar ao som de uma poética  
verbivocovisual

[em palavras]

**Lia Testa**

# AGOSTO LILÁS

caetano  
acorda o dia  
dentro da noite  
veloz o tempo  
urgente a voz  
acendendo  
outras palavras  
ecoando  
um canto  
lilás  
quem sabe  
a gosto  
da vida  
mulheres  
floresçam  
sem dor

**Luciana Pimenta**

# ÁGUA PROFUNDA & SENECTUTE IURA

El agua es inodora, incolora e insípida. Así enseña la Química sus propiedades, como la Matemática con su ‘decir numeroso’ las tablas de multiplicación. Luego está la Alquimia y la contabilidad de diseño, y todo para en otra cosa.

Hoy recordé algo que mi padre hacía en días de canícula. Ponía peladuras de limón en el agua fresca, y bebíamos de ella, sedientos y conformados a su sabor, el perfume de aquel fruto. No conozco la fórmula sintética –tampoco deseo conocerla– que explique el efecto por el cual nos saciaba sin, no obstante, atracarnos el buche y luego no poder continuar jugando. Él, mi padre, proseguía una práctica que su madre también utilizaba. Junto al botijo estaba una jarra con agua fresca y raspaduras de limones, y un vaso; yo creí –así durante algún tiempo– que era para los que no alcanzábamos a elevar lo suficiente el pitorro y evitar que éste acabara en pezón a labios mamones. Pero eran otros –además, probablemente, de éstos– los motivos; era ofrecer agua perfumada.

Recordé a mi padre y a mi abuela al leer una línea en un libro exquisito; Variaciones sobre el vaso de agua, de Andrés Sánchez Robayna (Galaxia Guttemberg, 2015, p. 30). Es aquella que casi no se detiene en el detalle de la copa de agua en el velazqueño Aguador de Sevilla (ca. 1617-1623); apenas anota del higo sumergido en su interior “que, se decía en la época, perfumaba el agua”.

Agua perfumada, con limones, con higos. La seducción sexual es propicia, pero demasiado explícita. Intentaré otra que, como jurista, me lleva a contemplar el lienzo de mi antiguo convecino en metáfora de los Derechos de la Vejez.

El anciano aguador entrega una copa de agua perfumada –con fragancia de higo– a un joven. La copa está sujeta entre las manos de ambos; el viejo la ofrece, el joven la recibe. Al fondo, un hombre de

edad madura también bebe –de una jarra– agua. El agua como motivo en derredor a tres edades, el agua en el ciclo de la vida. El joven –cuyo rostro es igualmente el del muchacho de la Vieja friendo huevos (1618)– y el viejo –personaje tan digno como popular en aquella Sevilla renacentista de tantos pícaros y cada menos mareantes a las Indias– unidos por el agua, que es como el tiempo, escapando entre los dedos, recogida en un cáliz transparente, vaciado de la cántara que lo alberga todo y de cuyo orbe panzudo resbalan –exudan– gotas luminosas. El viejo la tiene –la sostiene– del asa, con mano curtida, en un gesto suave que apoya en la aspereza del barro no vidriado. El vidrio translúcido del tiempo por venir, por beber, en la copa asida a su talle por el joven, y alzada del pie por el viejo. El infinito en cada gesto, en cada mueca, sin el aspaviento de la prisa. Sólo el hombre maduro, desdibujado –aproximativo– bebe con premura.

El cuadro de Diego de Velázquez lo llevó a Inglaterra el Duque de Wellington. Ahora está en la londinense Apsley House, formando parte de ‘The Wellington Collection’. Y allí está detenido el tiempo, el agua. Paradoja de la vida que discurre, como el agua del río manriqueño, y se embalsa en los museos; el agua de los pantanos, empantanada. Pero esa es otra reflexión.

La de esta hora es resaltar el sentido del Derecho de los Viejos, de la vejez que nos entrega la copa de agua, pero agua perfumada. Más íntimo, más propio y personal, el paladar –la memoria involuntaria– del agua que olía y sabía a limón, y las manos de mi padre.

**José Calvo González**

# AO ESPELHO

Há alguns meses, todas as manhãs, o espelho me engole espantado. No início, foram alguns fios brancos que iluminavam minha cabeça e eu até me divertia removendo com uma pinça. Aos poucos, eles foram ganhando mais e mais espaço, até que eu descolori muitos fios mais para que harmonizassem com aqueles. Um sinal de sorriso passou a se insinuar forte, ainda que eu não estivesse sorrindo. Um sulco fino no canto dos olhos marcava muitas gargalhadas dadas até então e outras tantas lágrimas.

Eu tentava me convencer de que era interessante, inteligente e de que aquelas marcas seriam um sinal disso, de alguém que viveu e foi vivida. Marcas nas pernas de muitos degraus e trilhas. Manchas nos braços de muitos verões na praia. Marcas na testa de leituras que me construíram.

Todos os dias, o espelho revela tudo isso. Eu aceno para ele e saio para viver.

**Márcia Letícia Gomes**

# AO VER O GUAÍBA

Lembrei de meu Rio Cachoeira,  
Recorro à memória para saborear o Salgado  
E reverenciar as minhas caminhadas à Colônia.  
Gratidão tenho a meus rios.  
Neles comi piabas para nadar.  
Eles diante do Guaíba podem nada ser.  
No Guaíba sobem e descem cargueiros.  
Brisas partem para brisar a Porto Alegre.  
Cidade de céu cinza, de táxis vermelhos,  
Onde quintanear é verbo de ação e de estado de espírito de um povo.  
Ver o Guaíba é perceber a origem da vida.  
É revigorar a fonte do viver.

**Efson Lima**



# ARREPIOS

O arrepio pode ser fruto de uma descarga de adrenalina, do frio, um susto ou imprevisto qualquer. Todas essas sensações podem fazer a pele arrepiar, mas só uma em específico faz com que a alma também se arrepie e deixe transparecer emoções, desejos e prazeres que a pertencem.

Esse arrepio é conduzido não pelas sensações externas do ambiente, mas pelo que une novamente o tecido do qual pele e emoções foram feitos.

É o arrepio que, quando o corpo quer, a pele mostra;

Quando a chama queima, os fios se levantam;

Quando o desejo explode no sussurro e gemido, a pele se desnuda;

Quando o arrepio da excitação, do cheiro e do sexo se apresenta, a ponta da língua desliza pela pele e o pudor se perde;

Quando arrepia cada poro da alma, o prazer se entrega;

Quando o olhar fulmina, a pele a ele se revela.

O arrepio que faz com que o sistema nervoso se descontrole e se misture novamente ao tecido da pele ao ponto de não mais saberem que um dia foram separados. Um arrepio que só as verdadeiras cataratas de emoções conseguem sentir, pois elas mostram o arrepio não só da pele, mas também da alma.

**Taysa Matos**

# BECO DA JOVEM

Vamos aqui neste dia, fazer com muita alegria  
Uma grande inauguração  
Vou falar palavras bonitas, que venha com sabedoria  
E do fundo do coração.

Pra falar de uma grande mulher que de Sergipe saiu  
Quando sua mãe fazendeira para Bahia fugiu  
Saindo em desfavor, deixando a vida tranquila  
Para viver um grande amor  
E para trás deixou seu marido encantado  
E outra vida foi tentar com o empregado apaixonado

Chegando na Bahia a ilusão acabou  
Pois D. Jovem sabida, sabendo da fulga  
Seus irmãos ela catou  
E sua mãe num gesto de loucura, seguindo o ditado popular:  
Que a coisa pura dá gastura  
Teve que uma decisão tomar  
Saiu distribuindo seus filhos, de família em família  
Para os outros criar

D. Jovem tadinha, ainda muito magrinha  
Foi adotada por uma senhora chamada D. Nininha  
Bobo quem pensou que era um gesto de amor  
Era só uma forma de dar as suas filhas mimadas  
Um Jovem precisada para servir de empregada

Tentando fazer a sua vida melhorar  
D. Jovem conheceu um rapaz, com o nome de Reginaldo

Com quem veio se casar  
Parecia até uma piada, pois agora para as cunhadas  
Foi mais uma vez servir de empregada  
Depois de algum tempo em São Sebastião foi morar  
Numa casa que seu irmão Milton (Garapa) resolveu presentear  
A felicidade deveria enfim chegar  
Mas seu marido, na fraqueza, deixou o alcoolismo o dominar  
E fazendo o que não deveria fazer  
Pegou a pobre da Jovem e começou a bater

O maltrato foi tanto que vocês não vão acreditar  
Por que um dia D. Jovem não quis levantar para sua janta colocar  
Um balde de água ele encheu  
E no rosto de Jovelina ele resolveu jogar

Triste gesto ele resolver fazer  
Pois um homem nunca deve em sua mulher bater  
Mas triste mesmo ele quem ficou  
Pois a partir daquele dia, uma decisão Jovem tomou  
Chamou o miserável e dele se separou

A partir daquele momento, era ela para criar  
Os quatro filhos que Deus deu para ela gerar  
Mas como Deus é bom e gosta da gente  
Mesmo com tantos sofrimentos, pensem numa mulher contente!  
Os vizinhos que presenciavam tudo, D. Jovem podia contar  
Era D. Maria, Sirlene, Cristina e Delegado sempre para ajudar  
Sem contar os demais, que por hora não dá para relatar

Mulher de garra e de fé, ela nunca desanimou  
Sempre trabalhava e seus filhos ela sustentou  
E haja roupa de ganho que D. Jovem lavou  
Enfim a sorte resolveu mudar

Na Câmara de Vereadores começou a trabalhar  
Por todo tempo que lá ficou, inúmeros amigos ela cultivou  
Trabalhou muito, sem parar  
Até que conseguiu se aposentar  
Depois de tantas mágoas guardadas  
De uma vida sofrida danada, a doença resolveu aparecer  
E cada dia uma coisa nova, Jovem veio a piorar  
Até o dia de falecer

Mas esse momento não é de tristeza e sim de alegria  
Por que gozar a vida, D. Jovem sabia  
Depois que o pior passou  
Pense numa velha que paquerou!  
Se fosse nos dias de hoje, seria baladeira  
Mas no tempo dela, foi uma grande seresteira

Quando a vida melhorou, sua casa ela reformou  
E deu a seus filhos uma vida de riqueza  
Riqueza não de dinheiro, mas de alegria e de fartura  
Por no tempo ruim não ter o que comer  
Quando a vaca engordou, aí sua mesa se encheu  
Dos vizinhos não esqueceu por ser uma mulher de grande coração  
Sua palavra de ordem era gratidão

Então amigos para finalizar  
Como aqui no beco ela adorava ficar  
Para beber sua cervejinha e prostrar  
É que resolvemos homenagear  
Agradecendo a Deus por esse momento  
É que damos à D. Jovem  
o nome do Beco.

**Eliane Câmara**

# BEIJA-FLOR

Rego-te flor  
Em alheio jardim  
Aprecio tuas pétalas  
Sinto o doce aroma  
Pecaminoso volitivo  
Adornam a mente  
Questiono a razão  
Salivo por ti...branca tulipa  
Molho os lábios ao imaginar  
O doce sabor do néctar  
Que percorre teu gineceu  
Em quimera onírica  
Pico-te como beija-flor

**Rodrigo Luz**

# BROTANDO JÁ

Meu bem, não se avexe não.

O que é do bem brota no coração.

Atravessa as artérias, veias, desemboca no olhar.

E não para por aí, quando de repente em tudo irá influenciar.

Mais breve que imaginamos, vem de galope saltitando.

Mais perto que prevemos, emerge de dentro de nós bradando.

Deixa eu lhe cantar aquela velha história milenar,

Onde há amor nenhum mal irá prosperar.

Desejo flores e labor de paz

E tudo mais que lhe apraz

**Ana Maria Pereira De Souza**

# BUSCANDO O EQUILÍBRIO

Aqui estou de passagem,  
Andando como acrobata  
Sobre um fino cordão esticado  
Entre o céu e o abismo.

Aqui estou entre as pressões,  
Buscando o equilíbrio interior,  
Tentando controlar o incontrolável  
E evitar as precipitações.

Aqui estou  
Virtuose que,  
Numa tremula pausa,  
Descortina no infinito azul  
O arco-íris longínquo,  
E ignorando a voragem  
Enfrenta, decidida,  
O labirinto à sua frente.

Aqui estou  
Neste curto espaço de vida,  
Abismada,  
Encantada,  
Confundida,  
Sobre um finíssimo cordão esticado  
Entre o céu e o abismo.

Aqui estou  
Tentando segurar  
O sonho.

# CABO DE GUERRA

Esta terra

De um lado, de outro De outro, de lado

Um corpo pende, desprende Puxa, e puxado

Mas no cabo sempre amarrado. Apenas um corpo, no cabo Que consigo brinca.

Apenas um corpo, no cabo Que consigo puxa.

Apenas um corpo, no cabo, Que consigo solta.

De um lado, de outro Cabo. De guerra.

Na guerra não ha paz. Na guerra não ha alma. Na guerra falta a beleza.

Ser humano. Alma de pássaro. Corpo preso na terra

Na roda da vida,

Na brincadeira da lida Puxado de um lado para outro Como fantoche dos deuses Que disputam cabo de guerra.

**Flora Augusta Varela Aranha**



# CACOS

A FORÇA DA MULHER  
DITA FORTE  
ESTÁ JUSTAMENTE  
NA SUA  
FRAGILIDADE  
NA FORÇA  
DE PODER CHORAR  
TODAS AS SUAS  
LÁGRIMAS  
DE TER CORAGEM  
DE EXPOR  
ESTA DUALIDADE  
DE QUEBRAR SEUS  
COPOS  
E CATAR SEUS CACOS

**Nely Nazareth**

# CARTAS À BENGUELA

Ouvi o poeta recitar versos de amor, dizia-se possuído por deuses esquecidos e bradava ter Vênus a soprar o próprio Amor em seus ouvidos.

Benguela,

O sábio dos versos não sabe o que diz!

O que sabes de amor, aquele que traz à mão grilhões que nos prendem às suas vontades?

Benguela, ele não sabe!

Vênus, ganha cada tostão de liberdade na Freguesia da Vitória em busca da tal carta que há de nós libertar.

Ao anoitecer, repousa teu corpo nas folhas caducas de nativo e sob as sombras da densa árvore espera meu corpo sedento. Enlaço-me em teus braços amantes, mergulho em teu colo, peregrino no vale que se faz entre teus montes e me nutro de amor.

Somos duas e só a lua testemunha nosso segredo. A noite mansa e quente a confundir-se com o véu negro de nossos corpos, cúmplice, nos oculta.

Vênus me fala de amor em crioulo e seu dedilhar em minhas costas acusam as marcas que ganhei por buscar a liberdade, Vênus me faz esquecer a dor.

Meus lábios acobreados passeiam-te, miro teu norte, língua serpentea-te e sucumbo a cada fio de água doce que flui de ti.

Entre gemidos, grunhidos, sorrisos, lágrimas e gritos sorratamente interrompidos minha boca cúmplice arranca de ti, Vênus, a alma.

**Paloma Leles**

# CARTESIANO

Se me chamares de cartesiano;  
aceito de plano, cartesiano ser;  
nenhum rubor me tomarás;  
nenhuma ingloria hei de ter;

Pelo método, me encontrais;  
investigando o meu ser;  
buscando sempre entender,  
o que ora me desfaz,  
o que ora aceito ser;

A inquietude de René;  
pela busca da verdade da vida;  
torna minha alma imbuída;  
de um sólido sentimento ter;

Com uma investigação minuciosa e fugaz,  
em que tudo se duvida na vida,  
que encontro no penso, logo existo,  
minha essência Divina.

**Cássio Pitangueira**

# CORPOS ENTRELAÇADOS

Num sadismo sem igual  
Um prazer perverso  
Que satisfaz o aparelho estatal.

Perversão de direitos  
Anulação de humanidade  
Aniquila-se o sujeito  
Em uma real reciprocidade.

“Aqui se faz, aqui se paga”  
“Olho por olho, dente por dente”  
A barbárie se propaga  
O presidiário é um indigente.

Um ser que possui direitos  
Agora é configurado segundo seus delitos  
Ai de quem promover o pleito  
De imediato o tornam “defensor de Bandidos”

Falam em garantir direitos  
Selecionando quem merece  
De acordo com o sujeito  
Deixa pra lá ,enfim, esquece!

Citam horrores antigos  
Como um cenário a comparar  
Mas a condição dos internos no presídio  
Não é possível mensurar.

Dizem ser Cemitério dos vivos  
Chamam de Depósito de gente  
O frio e solitário já não mais existe  
Pois a superlotação deixa tudo muito quente.

“Sem comoção ou drama”  
“Eles merecem isso e muito mais”  
Discurso de ódio e vingança humana  
Onde eu questiono, quem de fato são os animais?

Por ser um Estado sádico  
Acredito estar com sorte  
Há um clamor para imitar a Indonésia  
E que sejamos condenados a morte .

Segue o registro, uma menção  
Nomearei como “A arte do crime”  
Mesmo sob essa opressão  
Da responsabilidade penal não se exime.

É crime pensar...  
É crie dar a volta por cima  
É irracional recomeçar  
Pois a lógica é ser vítima de chacina!

São frases e fragmentos  
De uma vida condenada  
Está claro que o Sistema  
Deseja ver sua esperança anulada.

Quanto aos amontoados  
Deixem eles como estão  
Existem muitas “pessoas de bem”  
Que demandam maior atenção

“Pessoas de bem” “Pessoas do mal”  
Um dualismo sem aliança  
Não se pensa em Justiça  
No íntimo deseja a vingança.

Que Deus nos proteja  
Dos tais “cidadãos do bem”  
Que se estabeleça o direito  
Sem escolher a quem...

**Samuel Lourenço Filho**

# CORPOS FEMININOS

Corpos dóceis frágeis, estigmatizados. Corpos envergonhados

Corpos transfigurados.

Modificados.

Contaminados.

Fractados.

Fraturados.

Engessados.

Violentados.

Estuprados.

Debilitados.

Grávidos.

Sarados.

Queimados.

Idolatrados.

Geração dos corpos fotografados.

Fantasiados.

Embrutecidos.

Emplastificados.

Siliconados.

Moldados.

Emoldurados.

Embalsamados.

Gelados.

Greco-romanos remodelados.

Chapados.

Embriagados.

Assexuados.

Sexualizados.

Moldados.

Cultuados.

Corpos reprimidos

Divinizados.

Amaldiçoados.  
Requintados.  
Endiabrados.  
Maquiados.  
Encadeirados.  
Encarcerados.  
Docilizados.  
Fragilizados.  
Vitimizados.  
Rotulados.  
Criados.  
Fechados.  
Sintonizados.  
Enrugados.  
Manchados.  
Tatuados.  
Conectados.  
Quebrados.  
Envernizados.  
Bronzeados.  
Envelhecidos.  
Rejuvenescidos.  
Idolatrados.  
Safados.  
Corpos que carregam outros corpos.  
Que dançam, que correm.  
Corpos para que os quero?  
A divisão entre corpo e alma? É uma criação.  
Existe consciência. Aprendizado Pensamento. Razão e emoção. Penso,  
sinto e tenho um corpo.

**Ezilda Melo**

# COSMOVISÃO

Olho aqui e ali.

Vejo lá e aculá.

Queria só o belo contemplar.

Meus olhos são invadidos pelo feio.

Fecho para enxergar somente o bonito.

Induzido pelo amor o lado bom é evidenciado.

Se piscar o bem não é bem visto.

Cosmovisão de Poliana?

Até que não.

A questão é não enfermar o olhar.

Ainda há muita coisa exuberante pra se vê por aí.

É só saber olhar.

Veja!

**Jarbas Matos**



# DA MIXOFOBIA À MIXOFILIA

O que aconteceu conosco  
nós, humanos  
que perdemos o interesse  
e a vontade de olhar  
o outro com profundidade?

Por que nos isolamos tanto  
em nossas redomas  
protegidos até de nós mesmos  
para não ver  
não sentir  
não conhecer?

A mixofobia,  
Bauman<sup>1</sup> dizia,  
é o medo de misturar-se  
é o não querer estar perto  
do estranho,  
do desconhecido,  
do diferente.

As cidades se constróem  
para nutrir a fobia  
para nos deixar em agonia  
e não permitir o contato,  
não autorizar o estar perto.

---

1 Zygmunt Bauman fala sobre a mixofobia e a mixofilia em sua obra Amor Líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos.

Não se trata da proximidade  
corriqueira da vida  
em que esbarramos uns nos outros  
o tempo todo  
e não nos reconhecemos.

Trata-se da palavra oposta  
a mixofilia  
a vontade de conhecer  
misturar-se,  
agregar-se,  
sentir prazer em acessar a cultura  
e o pensar diferente.

O que aconteceu conosco  
em que o medo do diferente  
nos deixou ausentes  
da possibilidade de viver o novo,  
de estar com gente,  
de ver o invisível?

Até quando nos isolaremos  
e não perceberemos  
nossa falta de humanidade  
de amor e de solidariedade?

Até quando estaremos cegos  
em busca do conforto  
do não olhar,  
não conhecer,  
não abraçar,  
não acolher?

Até quando?

**Aruani Kindermann Lapolli**

# DESÁGUA

deságua o coração-rubro  
à roda do ancestral-corpo  
bem-soante bem-falante  
mão que escuta o pictural  
pacto da carne carmim o pulso  
coronário biorritmo supra-auricular o pulo  
eletro-ótico super-reativo do aeroespacial  
ronco da moça-cuiqueira na cavidade que  
transvaza tom-tons e rebenta o “rugido de leoa”

**Lia Testa**

# DISTÂNCIA

Distância é o espaço de mais de 2000km que divide nossos lares e intensifica a nossa saudade. É o voo de duas horas que separa dois corações que já se encontraram. É o que hoje meço em dias (ou em semanas). É o freio de um doce impulso provocado por uma sensação que até pouco tempo parecia impossível e inacreditável.

Distância é problema e solução. É aquilo que pode ser reduzido de repente. É o que faz o perto ficar longe e o longe ficar perto. É o que testa a super-velocidade do Superman e da Mulher Maravilha. É o intervalo que aumenta entre os dois extremos dos meus lábios quando meus olhos encontram os teus. É o espaço de milímetros que separa os nossos corpos quando escolhemos um só dos lares para nosso abraço. É o que não consegue separar as nossas almas.

**Rafaela Alban**

# DO HOMEM DE POEMA

É uma coisa estranha o amargo na boca  
Na noite insone em que o fim se anuncia,  
Mais um dia passa; e, se a vida esvazia,  
É uma coisa estranha o gritar da voz mouca.

Sorrir tristemente um sorriso já besta,  
E dizer um basta ao tempo anguloso,  
Sorriso dos parvos é um livro guloso  
Comendo a história, os homens em festa;

Mas apesar disto, das eras mesquinhas,  
Da dor nas esquinas, da hora vadia,  
Da guerra, da fome, da má valentia,  
Dos homens que matam e violam em rinhas,

Apesar da tristeza e da falsa esperança,  
Da solidão própria aos homens de poemas;  
Da televisão, dos romances, cinemas,  
Que contam paixões que não deixam lembrança;

Apesar de tudo, do século-guerra,  
crianças famélicas nos rincões do mundo,  
Das pobres angélicas, do sofrer profundo,  
Apesar da loucura, da saudade fera,

É coisa estranha o amargo que deixa  
A vida escoada dos mais lindos picos,  
Descendo e tecendo riachos bem ricos,  
Um amargo adoçado, um beijo de queixa;

Mesmo que sejamos feitos pra partir,  
Mesmo que sejamos de barro e ardil,  
Mesmo com as rugas, com as figas, com o frio,  
Mesmo que não haja o imortal elixir,

Mesmo tormentoso, traído, queixoso,  
Há sempre o momento em que a luz aparece,  
Sempre um ensolarado sorriso que aquece,  
Sempre uma Diana, uma vista, um gozo,

Então, faço a prece ao meu deus que não existe,  
E o crio tão lindo a cada rezar,  
E digo aos homens do mundo o altar  
É a vida da gente, beleza agreste,

Digo que apesar da tristeza terrena,  
Viver é bonito ao homem de poema.

**Rafael Tubone Magdaleno**

# ECO

Ainda estou muda  
encolhida e desfeita  
nessa lama  
que vale  
um sórdido ouro  
de novo  
embrulhando  
enojando  
matando  
corpos suprimidos  
sonhos violados  
sol e lua  
que não nascerão  
nos olhos enterrados  
pela ambição  
e pelo desprezo  
muda a voz  
perdem-se cores  
restando  
apenas esse barro  
onde se esculpe  
o ódio e a raiva  
não há palavras  
esse poema  
é só um eco  
do nosso assombro.

**Luciana Pimenta**

# EGOÍSTA OU ALTRUÍSTA

Ser altruísta é bom,  
pois pensar no outro ajuda  
a resolver os problemas do coletivo

Ser altruísta é importante,  
pois tratar somente em si  
pode destruir a humanidade

Ser altruísta é valoroso,  
pois achar quem cuida de outrem  
traz exemplos que edificam

Mas não dá para ser só altruísta,  
pois esquecer de sua felicidade  
é condenar-se ao sofrimento.

Mas não dá para ser só altruísta,  
pois não realizar seus desejos  
é chafurdar na frustração.

Mas não dá para ser só altruísta,  
pois não se preocupar também consigo  
é o início de sua própria anulação.

**Rodolfo Pamplona Filho**



# ELEIÇÃO

Eleger é amar uma ideia  
Amanheceu  
Como sempre amanhece  
Nas palavras  
De Mãe

Arrisco a dizer qual  
Mulheres Imprudentemente poéticas  
Que votamos  
Em quem somos  
Ou desejamos ser

Pr'além de nós  
A parição do Outro  
Amor sempre  
A nos guiar

**Luciana Pimenta**

# EM MADRUGADA

Corpo-mulher,  
emoção trancada,  
verdade sufocada,  
transparência de amor.

Corpo-amante,  
suado na algazarra  
do leito desarrumado,  
se fazendo verdade.

Corpo-entrega,  
sem medo de se dar  
rasgando emoções,  
por entre as dúvidas esquecidas.

Corpo-amargura,  
deixado de lado,  
viajando num meteórico sorriso,  
cheio de vida.

Percorre todo em energia,  
esquecendo preconceitos,  
vibrando a cada instante.

Se envolvendo totalmente,  
como uma porta que se abre,  
em direção a verdade.

**Fabiana Otero Marques**

# ENCARCERADA

Não suportava mais. Se continuasse assim, seria mais um número nas estatísticas. Na semana anterior dirigia, calor infernal. O ar condicionado do carro quebrara. Abriu a janela, só dois dedinhos. O engarrafamento perto da delegacia não deteve o assaltante de atacá-la. Pela fresta projetou a faca. Lâmina no pescoço. Seus olhos se encontraram, tão desesperados quanto os dela. Ordenou que lhe passasse a carteira, tateando a entregou.

Paralisada, não conseguia ordenar os pés nos pedais, buzinas disparavam em frenesi. O senhor da banca correu ao seu encontro, pediu que encostasse o carro, a parabenizou:

– Fez bem em não reagir. Dias atrás roubaram um rapaz perto daqui. Reagiu, não chegou vivo no hospital. Jovens, se julgam imortais.

Trêmula, dirigiu até a casa. Lá desabou envolta em medo e ódio. Medo da morte, ódio do homem.

Na véspera, outro “incidente”. Fora ao banco no shopping, acreditava ser mais seguro. Estacionou na entrada. Um homem, no carona de um carro preto, atravessou a pista atirando. Três disparos. Jogou-se ao chão, cobriu a cabeça, uma voz aos gritos a despertou do transe:

– Minha filha! Matou minha filha...

Ao seu lado uma mulher abraçava uma menina de vestido florido. No pezinho, uma sandália surrada. Botão vermelho desabrochando no peito mudo. Avistou o outro chinelo, atordoada o entregou à senhora.

Os olhos da menina quedaram paralisados, abertos, cravados no infinito. O tumulto crescia. Atônita, saiu, ligou a ignição, partiu.

Trancou-se em casa. No chuveiro, esfregou o corpo, desejava que a água arrancasse a violência impregnada nos poros. Lágrimas perdidas no ralo. Poderia ter sido ela a morrer.

O noticiário narrou o crime: “Traficante em fuga atirou matando uma criança”. Em poucos dias esqueceriam tudo, “fatalidade” não

dava ibope. Chacinas, assassinatos com requintes cruéis, esses eram os preferidos da mídia.

O velho porteiro do condomínio costumava dizer: naquela cidade, só Deus garantia a volta pra casa.

– Este bairro é tranquilo. No meu, circulamos só até escurecer, depois ninguém tá seguro. A polícia só aparece pra cobrar a parte deles. Se “os meninos” não pagam, matam meia dúzia na batida, que nem mosca. Ultimamente, acho que estão “em dia” com a polícia, não tem tido tiroteio.

O governo corrupto, a sociedade individualista conduziu o país à miséria, à guerra velada. Na pátria amada a vida não valia nada. Não seria a próxima vítima.

Morava sozinha. Não se casara, tampouco tivera filhos. Amigos, contava nos dedos. Apaixonada pela profissão, se tornara excelente tradutora de francês. Jovem, estudara em Nantes. Lembrava-se dos passeios à noite, das pontes à margem do rio Loire, das ruas e praças tranquilas, da segurança.

Os pais morreram num acidente, o que fez Gisela retornar à cidade natal. Atada a lembranças, ali construía a vida. Dinheiro não faltava, poderia viver no exterior, mas perdera o ânimo de reiniciar a própria história.

Vivia numa casa antiga, em belo condomínio; salas amplas, escritório no piso superior, suítes, varandas, jardim. Do quarto avistava a portaria. A morada possuía um porão onde o passado ficara aprisionado em fotos, roupas, cadernos e cartas.

Começara a pensar; o único meio de sobreviver naquela cidade seria não colocar mais os pés na rua. Compraria o necessário a distância, continuaria a trabalhar em casa. Pela internet gerenciaria dinheiro, pagamentos... a vida virtual não apresentava quase nenhum perigo. Poderia até convidar algum amigo para visitá-la vez por outra. Achariam estranha a atitude de isolar-se. Pensando melhor, Hórus, seu amor, seria companhia suficiente.

O sistema de segurança do condomínio garantiria resguardo absoluto contra a violência urbana.

...

Passara três meses entre cômodos e paredes.

O porteiro, preocupado, interfonava vez por outra. Estranhava o fato de Gisela não sair mais de casa. Parecia mais agitada a cada dia.

Da última vez dissera ao velho que não a incomodasse, antes de desligar sem se despedir.

Imersa em si mesma, sentia-se distante. Comprara uma luneta, viajar entre as estrelas a acalmava.

...

Outra semana insone. O vinho não causava mais torpor. Começava a atrasar os trabalhos.

Relia o mesmo livro sem conseguir se concentrar. Escurecia, a noite chegava despertando sombras nos cantos da casa. O tiritar do vento entre as frestas da janela persistia.

O interfone tocou. Devia ser o rapaz do restaurante. Atendeu. Mudo. Ligou para a portaria. Nada.

Através da luneta avistou a entrada. O porteiro gesticulava com alguém dentro de um veículo preto. Um homem no carona sacou uma arma, o fuzilou. O carro acelerou condomínio a dentro.

Reconheceu-o de imediato. O traficante que matara a menina no shopping. Seria possível?

Apavorada, buscou o celular, pensou na polícia.

Descarregado. Trancou portas, apagou luzes. Por trás da cortina da sala examinava a rua. Na residência da frente nem sinal de vida.

Ouviu o freio brusco de um carro, parecia muito próximo. Correu para a cozinha, fugiria pelos fundos. As pernas não respondiam, o pavor a imobilizara.

Novamente gritava o interfone. Arrastou-se, agarrou o aparelho, a voz tranquila do porteiro anunciava, o entregador chegara.

– Você está vivo?! O homem do automóvel atirou...

– Nenhum carro passou aqui nas últimas horas. Está tudo sob controle. A senhora está bem?

– Sim.

– Precisa de ajuda?

– Não

– O rapaz do restaurante chegou. Pode fazer a entrega?

– Tá. Desligou.

O que estava acontecendo? Tinha certeza do que vira. Fixou o olhar na rua. Não havia automóvel algum na frente da casa. Hórus, do sofá, a observava intrigado.

Sentia-se estranha. Precisava controlar-se.

A campainha tocou. Cautelosa, aproximou-se do olho mágico. Do outro lado viu o assaltante que a atacara no trânsito. A faca em punho reluzia sob a luz.

Grito esganado, suor frio, coração na boca, espreitou outra vez pelo visor. Ninguém. Trêmula, sentou-se no sofá. Tinha certeza, ele estava ali.

Hórus pulou da poltrona irritado.

Percebeu que alguém forçava a maçaneta, correu para a porta da cozinha. Viu o reflexo do vulto no vidro. Não estava louca. Era real!

Tinha que escapar, fugir de algum modo. Correu ao porão, trançou-se por dentro.

Apenas silêncio e breu envolvendo o tempo. Permaneceu com o corpo colado na parede gélida, a respiração escasseava. As horas avançaram, seu corpo pesava dormente. O criminoso não a encontraria. Dali não sairia nunca mais.

Envolta na escuridão, começou a notar um ruído afiado, crescente, dilacerante. Unhas arranhavam o outro lado da porta. Hórus implorava por ela. O desespero não a permitia abrir. Estava encarcerada no pior dos pesadelos.

...

Gisela acordou atônita no quarto. Hórus ronronava feliz. Parecia saber, era dia de mudança, em algumas horas estariam longe, livres, embarcariam para outra vida. Nantes os aguardava.

**Karina G de Sá**

# ENCONTRO DAS IRMÃS

Luciana ressurgiu numa manhã gelada de primavera, já tinha os seus quarenta anos, e continuava com aqueles cachos emoldurando o seu rosto – o cabelo cacheado era o único detalhe do seu semblante que eu ainda me lembrava. Inquieta, ela não mediu as palavras:

— O pai nos disse que seria preciso matar o Anjo do Lar. Você assim o fez?

— Assim eu tenho feito com fervor, a cada alvorecer, mas este Anjo é infinito! Virgínia já me alertou, pois ele a atormentava também.

— Ahhh... Ontem, subi até o topo de um arranha-céu, não haviam mulheres por lá. Desci alguns andares, e encontrei poucas. E, em meio às telas dos computadores, daquelas que haviam dedicado anos e anos de estudos, um outro primo do Anjo do Lar as amedrontava oferecendo salários inferiores, ou senão, com desdém velado, quando o ventre de algumas delas se encarregava de uma nova geração, se apropriava das conquistas delas.

— Não se assuste. Sheryl me disse sobre isso. Existe tanto “bropriating”, não é?

— Ahhh... Outro dia, recordei-me da mãe, quando ela costumava te pegar lá no fim da aula. Eu passei perto do portão de uma escola, e naquela afobação cotidiana, em meio àqueles cabelos desalinhados, por entre a palidez e olheiras dos rostos, lá estava escondida uma tia do Anjo do Lar. Ela atirava aquelas mulheres umas contra as outras, as julgava e as condenava ali mesmo; e dizia coisas como, afinal, você é uma mãe que trabalha, e você é uma mãe que largou seu diploma no fogão.

— É... aquele velho clichê de ver mulher julgando mulher. Tenha paciência, Anne-Marie desabafou que as mulheres não podem ter tudo ...

— Ahhh... Saí com a tia semana passada, ela me arrastou até o

mercado. Enquanto eu andava apressada por entre as gôndolas, aguicei o olhar, e encarei a sobrinha do Anjo do Lar enquanto ela me provocava me chamando de “supermarket lady”. Que novidade! Depois, fui à ginástica e o instrutor, um afilhado do Anjo do Lar, me perguntou se eu fazia musculação para poder carregar mais sacolas do mercado.

— E o que você respondeu?

— Fiquei em silêncio.

— Mas, o silêncio é o que permite que mentiras floresçam... Rebecca comentou isso, outro dia!

— Ahh... Deixa estar. O que você tem feito com os meus sobrinhos?

— Estou criando um menino e uma menina, assim como nós fomos preparadas lá em casa: cuidados e trabalhos domésticos são neutros. Às vezes, Chimamanda nos visita...

— Vou-me embora. Você, como irmã mais velha, continua enfadonha como sempre! Se todo mundo já te disse tudo, o que eu estou fazendo aqui?

— Não é que tudo já foi dito. É que os dissabores das nossas “soeurs” são muitos e invisíveis. E, para aquebrantar o Anjo do Lar tem sido preciso também calar tantos outros anjos da crítica, do menosprezo, do preconceito, da altivez, da violência, da submissão, da competitividade...

— E tem notícias de Lindonéia?

— Não. Ela continua desaparecida.

— Olhe de novo, no avesso do espelho. É lá que muitas outras devem estar: imperceptíveis.

Um vento bateu, e Luciana se foi assim como havia chegado. Só ouvi, entre o barulho das pétalas se despedaçando no jardim, a sua gargalhada veloz e um cochicho:

— Sua casmurra! Sempre matutando! Pobres dos meus sobrinhos...

**Elena Arantes**



# ENREDO DO NÃO DIREITO

Nascido de um falso bem  
Grilho do amordaçado  
De tudo o que lhe convém  
Nada ao triste fadado

Torpe soberba fustiga  
Pele escura salgada  
Ranço de moral antiga  
A velha arma togada

Altivo justo sentido  
Retórica sem efeito  
Discurso falso polido  
Em face do não eleito

Mentira tão imponente  
Perfídia pede respeito  
Ética se faz ausente  
Enredo do não direito

**Claudio Melim**

# ERA DIA DE ESTREIA

Era dia de estréia. Dia de desafios, de viver outras vidas. Terrível para os racionais. Ia representar dois papéis. Uma menina descalça e um homem de sapatos. O papel de Glorinha, muito meigo e triste. O de Stiveie, angustiante e misterioso. A realidade do ser. Durante os ensaios sempre estive descalça. O figurino eu vestiria apenas na estréia. Nos cinco dias antes da peça experimentei a roupa, os sapatos, mas não caminhei. Texto aqui, lá, acolá. Era a única preocupação. A menina fazia um monólogo com voz mansa e levava nos pés alguns ramos de mato. Stiveie bem trajado e com sapatos impecáveis batia os pés no chão como protesto pela sua vida. Amarrava todas as cadeiras do cenário. Sentava-se de cabeça pra baixo. Pés firmes para cima em movimento. Braços alternados. Música de fundo, luzes acesas, voz forte: “\_ A vida ao avesso é assim. Vemos os que os outros não vêem. Enxergamos a crueldade, a maldade, a violência. Mas sabemos sorrir de verdade, olhar para dentro dos outros e de nós mesmos. Sabemos contemplar o amanhecer e o anoitecer.”

Nunca tinha errado uma só fala nos ensaios... Noite. Estréia. Platéia numerosa. Cortinas abrindo. Pés descalços. Liberdade. Mensagem enviada. Bastidores. Troca de figurino. Sapato pequeno. Não era do meu número. Pensamentos distantes. Desconcentração. Fugiu o texto, a fala, as marcações. Foi o fim. Não aguentava mais. Entrei no palco arrastada, reprimida, sob tropeços. Pés doloridos. Palavras dormentes. Inventei o texto e sussurrei: “\_ Mexam-se vocês que nunca estiveram descalços! Esperam mais? Escolheram suas profissões, seus companheiros? Deixem de comportar como personagens da Cinderela que machucam, ferem, encolhem os próprios pés para caberem num calçado que não lhes pertence! Pés descalços, vida liberta! Chão firme. Vivem? Morrem? Sentem? Pensam? Tirem os sapatos e façam seus planos!” Retirei os sapatos e continuei: “\_ Por que colocamos nas nossas cabeças que devemos calçar os sapatos que não são nossos? Todos nós sabemos que é muito difícil passar o tempo todo no palco da vida com um sapato que não é do nosso número, não?” . Olhei para a plateia. Lágrimas. Assobios. Palmas.

No mesmo instante tudo interrompeu. Ficou aquela sensação do inacabado, pois inacabado de fato foi. “A menina, o homem. O sonho!” E tudo apagou. Os spots caíram da gambiarra. Escureceu. A rotunda e toda a cenografia desapareceram no atro do momento. Ouviam-se apenas a minha voz: “Ao homem dei a minha alma. À menina, os pés no chão. Pena? Não se vê mais as flores, nem o som dos pássaros. Não se vê o homem como homem e sim como máquina que não sente dor, não pensa, não chora”. Naquele momento, a luz caíra. De propósito. Mas não me abalou, não calei. Ainda descalça caminhei na escuridão do palco. Eu estava enxergando o que eu não enxergava, o que ninguém queria enxergar. Minhas palavras despertaram a platéia? Não sei. Mas houve tumulto: tudo foi negror. Depois um silêncio, tímido e medroso. Abissal. Desapercebidos pela platéia, os produtores se agitavam, percorriam telefones, havia capital empregado. E os telefonemas culpavam as companhias de energia pelo fracasso financeiro. E eu com os pés firmes no palco continuava falando de mim mesma. Atriz da minha personagem. O diretor sem perceber, gritou de não sei onde: “Louca! Bêbada! Ou drogada?”. Eu respondi: “É fácil imputar! No escuro não se vê olhos, não se sabe de gente. As palavras revelam o interior de cada um. A menina vê a luz íntima de seu palco a iluminá-la e faz o seu papel.” O diretor gritou: “Você sente a dona, não do mundo, mas de si”. Respondi: “Descalça, a menina pisa na natureza e carrega a verdadeira raiz da vida. A sua voz flui na escuridão... e sente o silêncio da platéia. E descobre que o mundo está vazio, até você. Um silêncio desumano.” Numa fala branda o diretor falou engasgado: “Pare! A sua voz flui como uma orquestra, ao som débil, pianíssimo. E agora, só agora descobri que você fala de amor.” Foi quando a luz repentinamente voltou. Aplausos e vivas, pensando que o diretor era também ator. Eu descalça e envergonhada saí do palco e corri para o camarim. Os vivas foram reconhecidos pela crítica que enalteceu o espetáculo. E o diretor foi reconhecido. Enquanto eu, descalça chorei pelo meu despojamento, senti-me nua.

**Eliene Rodrigues de Oliveira<sup>1</sup>**

---

1 Texto escrito em 2004 inspirado no tema “Ciúme” desenvolvido no módulo “Violência de Gênero e Conjugal” ministrado por Cláudia Guerra junto ao Curso de Especialização em Gestão de Movimentos Sociais e Políticas Públicas (por ela coordenado junto à UNIMINAS - Uberlândia/MG). Durante as aulas Cláudia

---

Guerra sugeriu criação de paródia a partir da leitura de textos sobre ciúme, dentre os quais “Ciúme - o medo da perda” e “Mulheres Invisíveis: violência conjugal e novas políticas de segurança”. Em vez da música pari o conto que foi acolhido e, a seu pedido, lido em voz alta em sala de aula. Anos depois o texto compôs material-base de projeto original de montagem do espetáculo SOL NOS OLHOS (Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz 2009)

# ERA UMA VEZ UM POETA

que sonhava poesias  
e desenhava seus sonhos com palavras ... nuas e cruas  
palavras soltas ... misturadas ao acaso ... feito mosaico ...  
rabiscos e racunhos emaranhados , bagunçados ...

e assim fingia suas mentiras  
como quem dribla o destino  
sozinho no silêncio do seu infinito  
carregava saudades do ontem ...  
do hoje ... do amanhã...  
e as perguntas caladas no seu coração cigano.  
soldado de um tempo incerto ...  
vivendo ao deus dará  
sem porto , sem teto , sem porta

caminhava com olhos vendados e cabelos ao vento ....  
não pertencia a ninguém ... errante ... nômade ... livre !  
sobrevivendo entre encontros e despedidas ...  
coleccionando sorrisos e lágrimas .  
guardando amores e segredos...  
experimentando certezas e loucuras ...  
disfarçando entre sombras e cores camufladas ...  
adorando o sol nos dias quentes de verão ....  
e namorando a lua nas madrugadas frias de inverno ..  
comemorando as surpresas  
a cada novo horizonte... dia após dia...

e a vida em círculos ... feito carrossel  
tudo parece de papel  
tudo torre de babel  
e ...como num filme de ficção...  
a vida segue o seu roteiro sem trégua  
com seus mistérios ... e milagres  
e seus momentos mágicos ....

era uma vez um poeta  
que sonhava poesias  
e desenhava seus sonhos com palavras ...

**Sérgio Mattos**

# ESTAÇÃO DA LAPA

Todos os dias  
Nossos passos se juntam,  
Nas escadas de aço  
Da Estação da Lapa.

Todos os dias  
O mesmo som inigualável  
O mesmo suor explorado,  
O mesmo ânimo e desânimo,  
Nas escadas de aço da Estação da Lapa.

Todos os dias a mesma ilusão,  
O mesmo alento,  
A mesma fé  
Os mesmos olhos tristes...  
Na subida de aço da Estação da Lapa

Todos os dias o mesmo cheiro,  
O mesmo medo,  
A mesma dor.  
As mesmas bocas famintas,  
Nas descidas de aço da Estação da Lapa.

Todos os dias a mesma força  
O mesmo vigor,  
A mesma esperança...  
Todos os dias os mesmos nós,  
Nas escadas de aço de qualquer Estação.

**Zilka De Sá Barros**

# **EU ALI ESTOU PRESENTE**

Não que eu queira explicar  
Pois me faltam as palavras  
Mas é nelas que me amparo  
Pois são causa e efeito  
Impulsionam o meu mover  
O trilhar que dali se inicia  
É o que cria e dá sentido  
E determina que ali se busque  
O dito deve ser seguido  
E nem é isso que questiono  
Pois enquanto está escrito  
Não há espaço para o rebelar-se  
Pode ser que assim se faça  
Insurgindo-se contra o estabelecido  
Mas sempre há de se voltar  
Para aquilo que se buscou fugir  
É por isso que ali estou presente  
E dali retiro o fundamento  
Para que com base nesse amparo  
Possa tentar justificar  
Não há como fugir disso  
O retorno é sempre certo  
O porquê ali reside  
Dando-me a resposta  
O escrito dita a regra  
Mas quem é que escreve as palavras?

**Paulo Silas Taporosky Filho**



# EXCRESCÊNCIA

Não tenho nada que possa me alegrar!  
Nem um tostão a mais para aliviar!  
Um pobre iludido na contramão.  
Comendo esperança para nutrir salvação.  
Ah! Mas, se fosse só isso!  
Não tenho beleza nem formosura.  
Sou um coitado, mestiço sem bravura.  
Meu caminho é sem rumo...  
Bebo, enlouqueço e fumo.  
Ninguém me atura, sou estorvo e encalço.  
Para além da lisura, um passo em falso.  
Se apenas fosse pobreza,  
uma solução haveria pra mim.  
Desde que houvesse humanidade  
nesse universo sem fim.  
Mas, além de pobre, sou agouro.  
Sou cego, aleijado e surdo de nascença.  
Um infeliz, anômalo, nessa vida.  
Só digno de dor e pena.  
Estranho mistério, sem perdão ou clemência!  
Qual explicação para tal excrescência?  
De todo mal que sobreveio  
com tanta dor e novena.  
Sou o produto vivo da disfunção criadora.  
Da calamidade humana avassaladora.  
Aqui só me resta sofrer, chorar...  
Talvez, sonhar  
noutra realidade menos morta  
que eu possa acreditar.  
Porque, pra mim, essa aqui já deu  
tudo o que tinha que dar.

**Jaécio Matos Santos**

# FÉ (MENINA)

À Iemanjá.

No vermelho rio, as flores ofertadas, dançam em rodopio.

A vida, vai e vem, nestas ondas em cio... iemanjá me chamou e eu vim, e oferto, meus sentimentos, e os jasmims perfumados que colhi.

Oh, rainha das águas, quanto de seu azul são lágrimas salgadas? Suas mulheres ornadas são tão desejadas!

E sua força arrebatadora, sem exigir sacrifícios, tão festejada!

Oh, Rainha dos mares, das pescadoras de dores e amores, o ser-tão quer virá mar para te ofertar...as flores de cactus, as flores dos bugaris, as flores que as agricultoras sertanejas colheram para te entregar.

Oh, Rainha dos Mar, no dois do dois, todo tempo é de amor.

E o que não é para ser, a maré levará.

Na correnteza da vida, nada fica, tudo muda,

Como as ondas que vão e vem, num ir e vir, do infinito, tudo que já foi não voltará. O tempo passa e leva o que não é para ficar.

Nas profundezas do mar azul, nas entranhas mais profundas dessa imensidão de águas, o mistério da criação é uma dor salgada e profunda, onde a criadora, mãe adorável, nos acalenta

E pergunta:

O que queres, onde vai chegar?

leva, leva ondas do mar, leve para a grande senhora, leva para o lugar onde o azul se perde no horizonte, toda essa sujeita humana de sentimentos.

Afogue-os no mar revoltado, nos liberte da tormenta.

E quando mais tarde tudo tiver terminado, possamos está purificados pela água benta, pela água salgada das lágrimas de todos que já passaram nesta vida.

Odoiá. Rainha do mar. Odoiá.

Olhar para o horizonte e deslumbrar um mundo, suas cores, suas luzes e sombras... sonhar e sentir a água morna do mar... flutuar no rodopio do existir e sentir a poesia das seis.

**Ezilda Melo**

# FEMININO CAÓTICO

Nem precisamos do escudo de Athenas contra a Medusa  
Ninguém olha nos olhos querendo enxergar lá dentro  
É nossa caverna, é a prisão  
Vêm-se imagens distorcidas, ressequidas, fantasmagóricas do  
que projetamos ser o outro  
Simulações horizontais de uma flor no quadro  
Isso é uma flor?  
No canteiro do jardim está a realidade da tela  
Eternizar na fotografia, na pintura, na poesia a visão de uma es-  
sência que não se diz, precede ao conceito e à formulação do nosso olhar  
Eis que nem tudo está perdido  
Porque a borboleta bate asas e constrói seu voo  
Encontra a flor e embriaga-se do néctar  
E quer mais  
Anseia o futuro  
Faz previsões mitológicas, astrológicas, numerológicas  
Tentativas de conter a inexatidão das linhas tênues de uma liqui-  
dez esfumacante no castelo dos vampiros ancestrais  
Pobre Dom Quixote, andante e solitário  
Somos um retrato da incompreensão humana, tão mascarada  
por tatuagens que escondem a pele e a alma  
Conhecer é um trajeto não-linear em uma rodovia mal sinalizada...  
Hoje o dia é violeta na tarde de lilases tons, onde já sinto o acor-  
dar de um novo momento.  
Sobre o telhado da memória, secam rosinhas brancas.  
Outras rosas, em moitas, trepam pelas paredes.

Num jardim, onde mimosas flores recendem, rebrilha o profundo e macio azul de que meus olhos andam aguados.

Luzes fortes palpitam na neblina e os olhos marejados sentem fome do tempo do amanhã.

Faz silêncio profundo.

Num salão forrado de um pano verde, sob uma luz escassa, ouve-se, na voz de Parra, a declaração: “gracias a la vida que me ha dado tanto”.

O filósofo, abrindo a sóbria maleta, oferece os nobres presentes que me são devidos, como diz o astuto Ulisses na Odisseia.

Para deslumbre e encantamento eram duas largas rosas, mais róseas e frescas que as rosas que enchiam a mesa, nos dois vasos da China.

Medita sobre o bem das almas e escreve o almanaque das lembranças.

Já sinto o cheiro dos eucaliptos.

Os passarinhos, em alvoroço, cantam com alegria as delícias do viver.

Sem acolhimento, sem pressa. Somente violeta do dia.

**Ezilda Melo**

# GAIOLAS E O DIREITO DE SER LIVRE

O cenário da gaiola parecia lunático

E temeroso para sempre

Um dia o canário voou e conheceu novos mundos

Não se acostumou mais com a própria gaiola

Medos e voos rasantes

Cada um escolhe

Presos em grilhões emblemáticos, ressignificados pela vontade latente de mudança

Insegurança coletiva na pátria de chuteiras

Deveria ser de livros

O conhecimento de Machado “ O mundo, redarguiu o canário com certo ar de professor, o mundo é uma loja de belchior, com uma pequena gaiola de taquara, quadrilonga, pendente de um prego; o canário é senhor da gaiola que habita e da loja que o cerca. Fora daí, tudo é ilusão e mentira”, era o “de Assis”

Cuidados e perseverança!

A luta existe

Há causas

A insuportabilidade de uma tributação invencível que aprisiona na mediocridade dos serviços públicos e da corrupção latente

Não verei o jornal.

Prefiro ler poesia.

Sou saudade, a pimenta necessária, que apesar de dar sabor, arde em minha garganta e em meu peito e faz com que esqueça esse cotidiano enfadonho da política de meu país.

**Ezilda Melo**

# INTOLERÂNCIA

Nenhuma intolerância é tolerável  
Nenhuma discriminação é aceitável  
É preciso dar espaço de fala  
para quem se discorda,  
para que nossa própria voz  
não seja calada.  
Como respeitar a palavra de ódio  
de quem não te respeita?  
Sendo maior que ele  
e torcendo para que  
a fé no respeito  
seja maior do que  
o desrespeito da fé.

**Rodolfo Pamplona Filho**

# INTUIÇÃO

Falam os caninos  
Dentes que desejam  
E rasguem em silêncio

A boca cheia de caninos  
Aguarda a intimidade  
Da carne sobre o sereno

O pelo na pele intuindo  
O cheiro dos corpos  
Trespasados de tarde

Falam os caninos  
As memórias inscritas  
Nas paredes e na língua...

**Luciana Pimenta**



# LIRISMO ACANTOADO

Há um terrível vazio no mundo cheio de espaços.  
Transeuntes e veículos apertados no trânsito.  
Egoísmo insensível, alma sem cântico.  
Andarilhos com pés descalços  
a procura de um abrigo romântico.  
Nessa longa estrada da vida,  
vai andando sem querer parar.  
Até que possa encontrar vazio, algum lugar.  
Para ocupar o espaço da sua alma,  
para acalantar seus medos e desilusões;  
diante de um mundo vazio de corações.  
Feito pedra dura que não se fura.  
Mundo cheio de vazio, vazio de alma.  
Droga que não acalma.  
Mundo cheio de espaço,  
que não abriga o descalço.  
O desabrigado andarilho desempregado,  
e outros cidadãos de bem desalojados.  
Entre vastos espaços existentes no mundo.  
Terras férteis que são latifúndios.  
Não se tem espaço, que infortúnio!  
Nesse mundo líquido destemperado  
que não acolhe os necessitados.  
Excêntrico lirismo acantoadado.  
Êta! Mundo cheio de vazio de alma.  
Terrível mundo de aloprados.

**Jaécio Matos Santos**

# LUTAR É MINHA SINA - AUTOBIOGRAFIA DE UMA FEMINISTA NORDESTINA

Quando se nasce  
Já vem com um destino traçado  
Há quem nasce para seguir os líderes  
E há quem nasce para ser líder dos que se deixam ser liderados.

Viver é escolher  
Entre sorrir ou chorar  
Se esconder ou lutar  
Dormir ou sonhar  
Calar-se ou suas bandeiras levantar.

Sou assim  
Menina destemida  
Mulher corajosa  
Por desafios movida.  
Não sei dizer não à luta  
E escolho todos os dias viver com uma bandeira erguida.

Ser normal não me atrai  
Gosto mesmo de ser diferente  
É muito bom fazer a diferença  
E jamais se calar frente a qualquer desgraça.

Nasci Mulher valente  
Nordestina persistente  
Advogada que luta incessantemente  
Para que todas e todos tenham uma vida decente.

O luxo não me enche os olhos  
Mas a simplicidade... Ah! A simplicidade me enche a alma  
Me aquece o peito  
E me alegra o coração.

Gosto mesmo de tudo que é simples  
Realização? é comer cuscuz,  
Tomar uma pinga  
Dizer bença mainha e bença painho  
Receber um cheiro das sobrinhas e dos sobrinhos  
Receber um abraço dos afilhados e afilhadas  
Dá um abraço bem arrocado no meu amado  
Dar boas risadas com amigos e amigas

Sou a mulher nordestina que adora um salto alto  
Um belo batom que deixa a estima lá no alto  
A bela roupa que nos embeleza  
Mas há dias que não quero nada disso  
E um chinelo no pé já me é o bastante

Não gosto de seguir padrões  
Gosto de ser eu mesma  
Falar alto quando todos sussurram  
Dar gargalhadas quando todos sorriem no canto da boca  
Escrever este cordel sem muitas rimas  
E estar descabelada quando todas estão maquiadas.

Modéstia? Não combina com coragem  
Pois acreditar em si mesmo é o primeiro passo para lutar.  
Lutar e conquistar  
Conquistar espaço, conquistar respeito e admiração dos parceiros/as  
de luta  
Conquistar coragem para lutar pautando-se em princípios éticos e  
morais.

Há quem me admire  
Assim como há quem me odeie.  
Isso não me importa  
Pois sei que os que realmente precisam da minha defesa

Aplaudem de pé a minha destreza.

Sou “Feminista Chata”  
Sou “Esquerdista doente”  
O que me lançam como ofensa  
Eu recebo como elogio  
E assim sigo lutando para mudar este mundo vil.

Cada dia tenho mais certeza que o meu destino é lutar  
Sai lá de Barro Vermelho de Ibipeba para o mundo conquistar  
Disseram que filha de pobre não estuda  
Eu fui lá e estudei  
Disseram que Advocacia é profissão de tradição  
Aqui estou eu, a primeira Advogada da família.

Ouvir não nunca me intimidou  
Sempre me estimulou a conquistar  
Pois o desafio é o meu combustível  
E a coragem a minha arma

Lá na roça estão fincadas as minhas raízes  
No movimento sindical a minha fonte de esperança  
No Feminismo a minha sede de saber e de justiça  
No amor a certeza da vitória  
E no querer a coragem de lutar e vencer.

Não me digam o que fazer.  
Não... Eu não admito que me ensinem a ser alguém  
Pois nasci alguém único e especial.  
Alguém que não sabe fazer outra coisa, senão lutar.

Não me digam que não há esperança  
Não... Eu não admito não ter fé. Fé em Deus, fé em Nossa Senhora  
Aparecida, fé na luta, fé na vida.  
A minha esperança de conquistar e construir um mundo melhor  
jamais morrerá  
Pois mesmo quando eu morrer terei deixado a minha semente de  
luta, fé, perseverança e amor.

Eu não sou a única Mulher movida por desafios  
Muitas são as Thaisés, Margaridas, Marias, Josefas, Joanas, Severinas.  
Enfim, muitas somos nós  
Que matamos um leão por dia  
Vencemos o machismo a cada segundo  
E nos firmamos enquanto sujeitas de direitos e deveres.

Não nos digam que não podemos  
Pois podemos tudo que assim desejarmos  
Para isso basta lutar

Então venham  
Vamos juntas nessa labuta diária  
Com sorriso no lábio  
Amor e coragem no coração  
E assim alcançaremos a sonhada igualdade  
Onde possamos viver sem medo  
Sem medo da violência  
Sem medo da discriminação

Vamos ocupar os nossos espaços  
No mercado de trabalho, na política e no lar  
Vamos nos unir  
Pois só, eu consigo andar  
Mas juntas conseguiremos andar melhor e muito mais longe chegar.

**Thais Elislaglei Pereira Silva da Paixão**

# LUTO NACIONAL

O passado que queimou não volta mais  
em pó, as lembranças incendiadas  
escombros, tristezas, lamentos, ais  
páginas de recordações perdidas

destruir o experiente passado  
perder o que passou e que poderia ter ficado  
sem história, os povos são um nada  
caos instalado e uma nação alienada

parte do que já foi um dia, fica em museu  
múmias, fósseis, peças indígenas e livros raros  
o nosso Museu Nacional não era um mausoléu  
uma dor imensa pelos 20 milhões de itens queimados

Perder as fotos pessoais do passado já é dolorido  
Quanto mais perder memórias da humanidade  
As pistas que o ontem deixou são raras e têm sensibilidade

Mais raro é o sentimento do homem frente ao mundo  
Saber que o tempo nos consome e deixa saudade  
que viver é imperativo no tempo perdido

**Ezilda Melo**

# MEIA ESTAÇÃO E MUITAS EMOÇÕES

A noite estrelada despontava a lua cheia no infinito, tamanha era sua exuberância que atraiu Dinorá para a varanda. A brisa tépida soprando o perfume das flores anunciava a nova estação. Admirada com o brilho salpicado no crepúsculo sentiu saudade Tadeu, eis que guardava na memória afetiva as alegrias compartilhadas nos passeios noturnos primaveris à beira mar.

Num ímpeto nostálgico escreveu a seguinte mensagem enviada pelo aplicativo virtual: “Queria você aqui e agora de mãos dadas comigo regozijando com minhas gargalhadas como da última vez, em que caminhamos a sós até o raiar do dia”.

Em poucos segundos a resposta é anunciada pelo efeito sonoro no telefone: “Chego dentro de uma hora. Saudades”.

Há tempos ela vinha se esquivando com desculpas da falta de tempo e outros compromissos disfarçando às súplicas dele para o reencontro de intimidade. Assim, seguia na zona do conforto emocional evitando expectativas que julgava frustrantes.

Imediatamente interrompe a tranquilidade da fantasia e segue ansiosa para o banheiro se surpreendendo com os cabelos brancos despontados na raiz refletidos no espelho. Abre o armário abaixo da pia e lança mão da tinta castanha para pigmentá-los em apenas vinte minutos cravados no relógio. Enquanto isso verifica que precisa depilar suas pernas e virilha, cujo procedimento o fará no banho.

Ciente da pontualidade dele confere os trinta minutos restantes. Abre o guarda-roupa e na gaveta escolhe uma calcinha de renda branca que no bailado apressado quase se desequilibra ao perpassar as pernas, em seguida retira do cabide um jovial vestido florido de seda e o veste, alcança as sapatilhas azuis calçando-as pendulando os pés, na caixa de jóias opta pelo conjunto de pérolas em colar, brincos e anel, algumas gotas de alfazema atrás de cada orelha e por fim a maquiagem

através de um leve delinear escuro nos olhos com lápis, rímel preto para alongar os cílios e batom rosa pastel nos lábios são o suficiente para recebê-lo.

Resta-lhe ainda, dez minutos, para por o espumante no congelador, separar as taças de cristais, acender as velas, apagar as luzes, ligar o aparelho de som com uma melodia de Maria Callas e, portanto se sucede na rapidez da espera.

Na sua chegada ele traz um vaso de orquídeas brancas oferecendo-as juntamente com o olhar terno e carente pelas lacunas do distanciamento. Prontamente ela o recebe com um sorriso largo e olhos brilhantes, agradece a oferta floral colocando-a sobre a mesa e o leva pela mão até o pequeno jardim, onde as orquídeas das primaveras pretéritas já florescem impudentes em vários tons sinalizando que vingou as emoções para posteridade.

Àquela mulher impetuosa e infantil de sentimentos amadurecera. Sua cama não estará mais fria. Pois, o inverno se despede sem deixar saudade.

**Ana Claudia De Almeida Garcia**



# MENTIRA

Grito mudo que entorta calma  
Angústia doce que alucina ser  
Calor da treva que congela alma  
Sabor de trama que fumaça ver

Punhal de sol que anoitece luz  
Sedosa fala que borbulha fel  
Odor de som que não em si produz  
Afeto morto que se faz papel

**Claudio Melim**

# MORADA

Sou inútil com palavras, em silêncio me engrandeço

Balucio esterilidades no jardim de palavras mudas

Aprendiz de ser humano, cada diz traz lições quando ouço e não reclamo

Quero música e não discurso. Sigo o curso de uma nota

Abomino coisas sérias, me admiram as anedotas, surpreendem os idiotas

Escuto o canto de um pássaro, ouço as vozes que dão sono, compartilho um riso insano, durmo e antes me abrigo, na leveza de um afago

Noite e dia te desejo, corpo alma e companhia, compartilho da tua alma e o teu cheiro me alimenta

Acordo desse sonho e lúcido sigo a sonhar ao teu lado, na doce ilusão real, ó minha amada

No teu templo mundano e sacrossanto deito, nele pouso e me edifico, é aqui a minha morada.

**Bruno Espíneira Lemos**

## MORTES SECAS

De tão sombrios que tem sidos os últimos tempos, não se sabe mais a diferença entre noite e dia. Uma imensa noite que se recusa a passar. Um pequeno dia que se recusa a nascer. Nessa noite contínua que continua, não importando ser verão ou outono, a Lua se alterna ao Sol no céu; sem, no entanto, que se possa encontrar uma luz tão forte ou um tempo tão longo que consiga romper as trevas que impe-ram nesse pedaço do universo ao qual chamam de Sertão.

As trevas tais que preenchem o opaco da fome e da sede, cujos sinais permeiam este lugar, não são as mesmas trevas causadas pela ausência de luz, ou pela força gravitacional de um buraco negro; tão pouco se trata das cantadas e temidas forças rebeldes, na Bíblia, na Torá ou no Al Corão, Não são trevas naturais nem tão pouco líricas – são trevas culturais. Construídas com afinco e dedicação por seres miseráveis; coronéis; marajás; senadores; deputados; políticos de inúmeros partidos – todos do mesmo partido – de todas as religiões. Pior é constatar que obra tão grandiosa, tão desgraçada, não se pode nem dizer fruto do Satanás, pois até mesmo o maldizido receia passar perto de onde os velhos dinossauros bigodudos de cabeça branca edificaram - com sangue nordestino – seus impérios de roubo, de submissão – de desgraça. Hoje seus filhos – filhas – e netos se regoizam nesse sangue.

No dia-noite interminável as graúnas voam ao longe. Vão em busca de água. E água terão. São pássaros, podem voar. Têm sorte. Espertas. Talvez mais até do que estes imbecis que se julgam no poder. Por força de um português errado, imposto por acadêmicos e definido em dicionário – que do povo nada tem – define-se prefeito, deputado e senador. Por teóricos que de tão ignorantes tornam-se doutores: define-se governo, estado soberano; São esses os imbecis superados pela graúna, que esperta, foge. Para as colinas; para a chuva. Para o sul maravilha. Coitada da Graúna. Nem pode imaginar o que a espera. Fugindo da seca e da fome e da maldita incompetência humana, acabará morta, soterrada, em um desses barrancos garimpados pela corrupção e pela inoperância. Desses a que chamam de sociais e democratas, e

sociais-democratas e trabalhadores, Pobre graúna – nascida na fome, crescida na miséria e morta na corrupção. Soterrada, espera mortinha alguém lhe salvar, enquanto do céu observa aos ministros rirem felizes a investidura no novo cargo.

Sob o luar-sol escaldante a terra reclama por perdão. Trincada, salgada e morta. Não é terra, é pedra esfolada. É piso que se pisa e nada que se cresça algo. Os únicos vestígios de vida são a própria morte – por todos os lados. Ossos moídos e ressecados – esqueletos há muito carcomidos – e um ou outro carcará, Insalubres, ao contrário da graúna, preferem esperar que se morra algo para comerem. Tão seco, tão maldito, tão açoitado pelo homem gordo da cabeça branca é este terreno, que há muito não se vive algo que se possa morrer. Nem mesmo ave carniceira tem agora do que se alimentar.

Observando a caatinga definhar, nove seres de raciocínio conturbado já não tem esperança nem mais na morte. São seres pútridos, castigados – muito menos do que Fabiano – não se acham bichos – são cadáveres – uns corpos lastimados e esqueléticos que se esqueceu de pôr ao cemitério.

São nove ao total. Se fossem gente – ou bicho – dir-se-ia família, matilha ou bando. São hecatombe. Mas segundo o novo dicionário – não aquele dos imbecis e dos doutores, mas o dicionário que fala as línguas e ciência do povo – mínima unidade social, constituído de pai-cadáver, mãe-cadáver e filhos-sem-futuro: definição – genocídio.

Seis desses seres são crianças – como fósseis de um futuro que nunca se concretizará, seus olhos vislumbram o abandono material, emocional e patriótico. Não são filhos órfãos de pai e mãe; são filhos órfãos de uma pátria. São menos que bichos. São jogados no mundo e por estes esquecidos. Valem menos que um animal da selva; valem menos do que uma fechadura arrombada em plena noite;

A mais velha dessas coisinhas se parece uma menina. Seria uma adolescente, se a subnutrição e as algúrias do meio em que vive já não tivessem lhe roubado a juventude antes mesmo que deixasse de ser criança; Em seus braços que mais parecem duas varas de bambu, leva um pequeno primata. Este serzinho que se agarra ao seu pescoço como um miquinho o faz à mãe, é seu irmão. Na verdade, definir o gênero se faz mais por força da sintaxe desta língua lusitana do que

pelo que parece realmente ser aquele pequeno esqueleto, Não se pode precisar o sexo da criaturinha. Só se pode precisar os sintomas da grave epidemia que aflige toda essa gente: a corrupção.

A pele da criança, nua e seca, contrasta com o que talvez seja a coisa mais bela em quilômetros: um trapinho cor-de-rosa feito de bom tecido que protege o corpo da garota mais velha do sol-luar, dos abutres – e dos coronéis.

Um pouco atrás da adolescente-idosa, vem o pai-cadáver. Traz consigo mais três filhos-sem-futuro. Segurando a sua mão direita, um pequeno sem-futurinho de pés descalços, cara inchada e olhos profundos. Parece um pequenino fantasma, ou alienígena. Um ser humanoide que de humano mesmo apenas se reconhece as lágrimas na iminência de saltar-lhe à face. À esquerda do matuto homem vem mais duas de suas crias. Ambas aparentam o sexo feminino, pelos cabelos médios encaracolados e pelos traços um tanto mais finos nos rosto. Certeza, certeza não se pode ter – a única coisa certa para essa gente, mais do que a morte, é a seca.

A menor das duas crianças – que olhando bem, agora parecem meninos mesmo - além da doença da corrupção, traz consigo as parasitoses típicas desse povo e dessa região. E de parasitas, não se quer dizer aqueles que vivem à custa do suor sagrado do povo brasileiro, mas de parasitas naturais, aqueles que não fazem o parasitismo por burrice ou ignorância, mas por uma condição genética preestabelecida: são lombrigas e amebas e teníases e amarelões. São tantas que nem se pode precisar os nomes, as espécies e as doenças. Alguns trapos lhe vestem parcialmente o corpo. Uma blusa quadriculada que mal tapa a barriga inchada; uma calça lascada que mal lhe tapam as vergonhas. Logo atrás dessa alminha esquecida pelo capitalismo seu irmão compartilha de seu sofrimento pelos olhos. Seu corpo não parece tão doente, mas sua alma é de irremediavelmente moléstia.

O pai-cadáver, matuto, mestiço; quase pode não se dizer gente – para esse tipo até inventou-se um nome : homem de gabiru. Um ser que se diz humano mas que não se desenvolve como se deve um. Nem em biologia, nem em direitos; Não é um ser, é um fato científico; é uma subespécie; uma perspectiva de direitos; uma probabilidade que nunca se efetivará como ocorrência;

Mais atrás vai o velho. Este ser que já cumpriu seus anos de servidão e agora é apenas um estorvo; um peso morto; Algo cuja existência se resume mais a atrapalhar do que a viver. É magro como a própria fome. As costelas saltam-lhe ao corpo como um detalhe exagerado de uma escultura impressionista.

À esquerda do homem cadavérico segue sua companheira. Com um pequeno serzinho grudado ao pescoço e alguns pertences de cozinha à cabeça, seus pés descalços suportam uma dor maior que o próprio sertão; uma verdadeira Átila, que tem sobre si o céu dos castigos e abaixo o chão dos perdões; É um elo, um pilar, uma existência profana que funde o paraíso ao inferno dentro da profundidade que é a pessoa humana. Seu fardo é carregar o peso de uma vida que já nasce condenada à perpetuação – não da espécie – mas da mísera condição social que faz de toda e qualquer vivência neste lugar chamado Sertão um homicídio com requintes de crueldade.

**Homero Chiaraba**

# MULHERES DA BAHIA

Cantar um lugar, encantar o mundo. Sonhar, com o azul-verde esmeralda do mar. Solos de bandolins para enfeitar o luar de seda; cachos de ondas batem nos cristais de areia. Lua enamorada e risonha brilha no céu de estrelas de Itapuá, que é para embalar o sono do anoitecer. Cayminear, com o violão, as Gabrielas da Bahia. De cem em cem, passa-se o tempo atroz que não faz esquecer o farol, nem a alfazema e as flores de laranjeira que perfumaram a água de banho de Janaína, vestida de renda branca, faceira no samba, mulher mitológica, bela que poetizou o cantador. Musa da mente, do corpo e da cor de ébano. Deusa alada com sabor de cravo e canela e melão de cana. Vai se vestir de crepúsculo. Vai sentir o veludo da noite que caiu verde-escuro. Vai beber o néctar do cacau dos lábios teus. Enfeitiçar de calor nas tardes de verão nos abraços de afago. Chorar emoções escondidas das lembranças de um tempo que não volta mais. Vai cantar a Bahia. Vai cantar o mundo. Será um quadro de Caribé pendurado na parede do coração; uma foto de Verger no porta-retrato de sua vida; uma partitura de Caymmi nas cordas de sua emoção; porque cresceu assim, porque é assim nas páginas do Amado. Porque quando a ilusão da paixão terminar, só ficará a arte. Porque a vida é uma representação e somos personagens de sonhos do que somos ou que queremos ser. Porque a vida não se repete. Porque a vida é emoção e vontade. Porque a vida é calma, sofreguidão. Porque a vida é cantada, chorada, pulsa e lateja no entardecer da quimera do existir. Terá o sabor das ondas, a cor do mar, o agreste do cheiro que se misturou às folhas do tempo do existir. E cantará suas dores, seus devaneios, suas lamentações, seus anseios... Chorar de emoção porque a Bahia que queria não existe mais, a paixão que queria também não existe mais, ficou a arte para consolar o quebrar das ondas na noite de lua cheia no quadro da imaginação. As baianas, vestidas de branco e azul, fazem cirandas e oferendas com flores e perfumes, no Rio Vermelho, para encontrar o amor naquelas águas. Tanta dor no coração. Amor-próprio nos olhos e na boca. Nos quadris. No gingado. Nega, homem não te pisa.

**Ezilda Melo**

# NA CONTRAMÃO

Ela segue  
Sem amarras  
Sem saber  
Sem condição.  
Sem sentir  
Sem saldo  
Sem pão.  
Sem sela  
Sem chão  
Sem sertão.  
Sem senhor  
Sem ordens  
Sem submissão.  
Sem saravá  
Sem samba  
Sem carinho.  
Sem medo  
Sem sossego  
Sem caminho.  
Ela segue  
Sem desistir  
Na contramão.

**Karina Guerreiro de Sá**



# NA MINHA PELE

Caminho pela rua,  
olho o relógio...  
aumento o passo.

Atravesso a noite crua,  
com suas nuances e negócios,  
fecham-se espaços.

Penso: A noite se remonta,  
para surgir,  
os seus desencantos.

A cidade se apronta,  
para dormir.  
E eu vou com espanto.

Ando com mais rapidez,  
Infelizmente,  
escuto uma companhia...

Tento manter a altivez,  
Perguntando-me,  
Quem afinal seria?

Continuo a caminhada,  
ofegante e diligente,  
consigo até escutar  
a respiração na minha mente.

Ao virar a esquina,  
reconheço quem me assombra!  
Nada mais é,  
do que minha própria sombra.  
Convivo com o medo,  
Agradeço a minha fé.  
Isso só é mais um dia...  
Vivendo na pele de mulher.

**Elizabete de Araújo Souza**

# NA VERTIGEM DO DESEJO

O fio do horizonte pincela as ondas do oceano do incerto  
Bem ali, onde a falta clama por um lugar ao lado.  
Negar-lhe assento, porém, não é uma escolha nessa travessia do averno,  
Caso contrário, a (com)pulsão pelo reverberar o arrematará.

A falta  
Estamos diante de sua sombra  
Que apaga as linhas pretensiosas do nosso mapa,  
Esse delicado papiro que insinua as rotas do nosso querer.

Eis a questão: o desejo!  
Seria ele uma forma de resistência?  
Um brado contra a asfixia da falta?  
Ou, quem sabe, o desejo se atreva a ser um murmúrio?  
Que encontra na trilha desbravada pela falta o seu ser?

Já nos dizia o francês que se marcava como incompreendido,  
E o alemão que cruzava a floresta negra da Turíngia,  
Ambos colocaram a palavra como morada do ser.  
Dizia aquele, que “o amor é dar aquilo que não se tem a alguém que não o quer”.

Permitir-me-ei apegar ao desejo,  
Sendo-o um epitáfio do suspiro derradeiro do meu ser  
Prestes a agonizar na aurora da falta  
Daquela que me estrangula no prelúdio da angústia.

Deixe-me semear o meu querer no relevo de seus olhos.  
Seus olhos!

Reclamou sê-los pequenos,  
Todavia, foi em sua vastidão que minhas palavras se ancoraram

Em suas palpebras  
Onde fui tocado com afeto.  
O contraditório soou seu badalar,  
Vi o seu finito através de um infinito distante.

Notei uma voz  
E, veja, ela ensaiava, com o dançar das mãos, a sinfonia do dizer  
Tem-se a tablatura de seu sussurro notas afinadas em hertz.  
Queria desafina-las no interim de meu ouvido.

O querer se pronuncia no entremeio do pulsar,  
Entre a sistole e a diastole  
Habita a incerteza da vida e a certeza da morte.

A melodia que compõe o arpejo do desejo não é uníssona,  
Concebe-se ela nas linhas tortas das palavras  
Ou, até, na violência do silêncio.  
Mas, quando o timbre se deixa corromper pela completude,  
O fim anuncia sua chegada.  
Doravante, o ser desejante (des)vela o seu não-ser.

O bramido da marcha fúnebre me (re)ingressou ao repouso eterno  
O meu desejo encontrou no peito da morte um abrigo  
Jogo-lhe a minha última flor de esperança

Onde posso encontrá-la?  
Oras! O que quer?

Quero mergulhar em seu abraço  
Onde sinto que o mundo muda mudo  
E, nesse enlace do incerto,  
Sentir cada batimento seu

Aqui, digo: quero ver você  
O ponto de encontro é (o) incerto.  
Qual seu desejo, Poeira Estelar?

Tal qual sua maiêutica,  
A resposta está no desejo da partida, ser desejanter!  
O desejo de (se) constituir (n)a aresta,  
Na própria falta

E você, seu covarde,  
Negara ver e reconhecer a presença da falta.  
Estou sitiado na vertigem do desejo,  
Exilado na frustração de não conseguir tamponar esse vazio.

Foi na aresta  
Encontreia poeira que se esvai.  
(Re)encontrei a minha falta.

Resta-me apreciar o meu infinito vazio,  
Respirar na apneia  
E, ali, fazer-me anunciar:  
Eis-me aqui também,  
Sou aquilo que sempre me faltará.

Foi e será nessa perene falta  
Que form(ar)ei os meus buracos  
Por onde entra e sai a respiração do desejo  
Ninguém deve arrolhar.

E você, leitor intrometido, que flerta as curvas dessa poesia  
Já está com vontade de tampar com um acento algumas palavras  
Cuja ausência o despertou?  
Peguei-o! Ah... esse impulso por preencher as faltas!

Como alertara no início: a palavra é morada do ser  
O ser é incompleto  
O ser é imperfeito

Mesmo que queira invadir ele com seu acento pretencioso,  
Com ou sem você, ele ainda será incompreensível.  
Verá que “ser” é se (re)criar na sua própria falta.  
Sou eu uma proparoxitona sem acento!

Tarde demais, ser desejanter  
Se quiser aquele abraço outrora clamado,  
Apenas diga:  
Dentre todos os abraços do mundo, eu queria só o seu!

Depois disso, vejo...  
Não tem mais jeito  
Talvez eu esteja pronto!  
Pronto para deixar entrar e sair

E nessa respiração  
... o meu desejo...

**Rafael Fernandes Caldeirão**

# NOSSAS VIDAS

De uns meses para cá senti que um turbilhão de emoções me tomou por dentro, revirou todas as certezas que eu tinha de mim e varreu a razão para longe.

Senti medo, bateu angústia, desespero. A raiva também me visitou em dias de ânimos quentes e brios acirrados. Percebi que a tristeza é só um estado de reflexão e foi aí que eu criei a morada ideal para as minhas palavras refletirem.

Mesmo dentro de nós mesmos, nossas vidas foram reviradas. Jogaram tudo para cima, inclusive o controle sobre os nossos atos. Nos vimos nus nos espelhos das almas.

Nos vimos despedidos de tudo.

**Gustavo Medeiros**

# NOSSOS CORPOS

As correntes são inatas ao corpo da mulher.

Foram colocadas pela família, pela sociedade e, porque não dizer, pelo Estado.

Elas nos acompanham desde o parto. Nos colocaram padrões e definiram nosso destino.

Quando crianças questionamos o porquê de estarem ali entrelaçadas em nossos corpos.

Porque não podíamos brincar livremente? Falar muito? Questionar?

E, porque não podíamos ser por inteiro?

Enquanto elas estavam ali trazendo dor e sufocamento, houve choro raiva, houve rebeldia, houve resistência!

Mal sabíamos que elas seriam nossas companheiras por um longo período.

Mas, a partida se fez, e ainda se faz necessária... para outros horizontes, e, para a construção de outros mundos.

Cada lágrima, cada grito de dor, cada transgressão foram rompendo lentamente as amarras.

Se elas saíram de nossos corpos?! Não sei... provavelmente insistam em continuar ...

Mas a sensação de pertencimento começou a se fazer presente. Eu não sou a única, entre tantas que são transgressoras da mesma norma, somos muitas! E podemos desacorrentar tantas outras!

O mundo tanto temido nada mais era do que o mundo que tanto nos temia. Nossa voz hoje ecoa nos calabouços de cabeças vazias.

Essa voz se intensifica, movimenta, barbariza e vira revolução!

Podem tentar nos acorrentar, mas vamos responder com luta, garra, resistência e afeto.

As correntes são inatas ao corpo da mulher, mas não é por acaso que insistem em entrelaçar nossos corpos.



Sempre tentaram/tentam nos aprisionar, mas agora as correntes se quebram, uma a uma, porque juntas somos mais fortes!

Meu corpo é político e toda dor é um manifesto.

**Kássia Cristina de Sousa Barbosa**

## NOTA TELEGRÁFICA 8

Quantas vezes tocou a canção do Milton Nascimento para que eu te escrevesse quantas vezes isso acontece. isso que acontece quando o dia acorda em outono. você mantém a pose azul do céu de Lisboa enquanto Fernando Pessoa nos permite desassossegar dessa coisa latina. eu só quero beijos latinos. mas eu sempre fiquei parado nas horas europeias em que fazíamos nascer os mais solares dos sonhos. demos voltas para chegar nisso. na verdade. isso da verdade é bem chato. fica nisso ou naquilo. enquanto derretem as geleiras pelo verão. e mais uma vez o rio Mondego atravessa meu coração. eu não iria contar. mas se trata de uma nota. aprendi que devemos cuidar das notas. sejam elas musicais sempre. porque vida sem canção não chega. e agora que atravesso o sertão à sua procura. quero te contar que há uma moeda arremessada naquela ponte. imagina que faz muitos anos as águas saboreiam o segredo que deixei ali. a ideia era voltar depois para buscar. mas existem tantas músicas entre essas distâncias que prefiro deixar para que um dia. em uma manhã de outono. haja a chance de encontrar no seu riso a mesma face. não que seja possível. é que desde então. estive atrás e através do impossível. espero estar sensível quando ele pousar. não há hora marcada quando vem a invenção. e há pessoas que ainda seguem mapas. o aleph continua a girar. amanhã é como um hoje não saboreado. como são insípidas as projeções. da vida. que venha ventura. o resto é água de rio.

**Bernardo G. B. Nogueira**

## NOTA TELEGRÁFICA 10

Quando senti o cheiro da mirra. acabado de chegar de terras astrais. escutei uma flauta doce enquanto o céu se tornava amarelo. os olhos amarelos das serpentes encantavam os arredores do caminho. durante a noite se via estrelas a despencar sob nossas cabeças. as chuvas azuis. as mais abundantes desde o nascimento das cores. e por aí alguns alquimistas distribuía mapas de caminhos ainda nunca percorridos. me contava um mago do brasil que às duas da manhã seguiria mais uma viagem do magic bus. outra vez essa estória do Nepal. esperei raiar o crepúsculo. o embarque foi facilitado pelo cheiro. de mirra. ouça. os cheiros nos trazem mundos novos. após noites de viagem. os desertos apresentavam-se como a melhor morada. andei por léguas solitário enquanto os calendários se perdiam. tudo isso aconteceu sob os olhares insuspeitos do mestre que conheci no caminho para compostela. chegado de lá. lhe devolvo a mirra que me acompanhou toda a peregrinação. e a garrafa onde enviaste suas notas. nunca irei desenvolver esse segredo. para que o caminho se mantenha agradavelmente com sua fragrância. e dizem que existem mapas para o amor. todos ainda não escritos suponho, alquimisticamente.

**Bernardo G. B. Nogueira**

## NOTA TELEGRÁFICA 11

Me dê sua mão. eu preciso partir. me apresente aquele céu amarelo que refletia seus olhos quando cruzávamos uma praça medieval em Siena. não esqueça de se jogar no rio em dias de sol. me dê sua ausência. eu preciso ficar. me dê enfim sua fantasia. não há nada mais banal que o amor. me dê seus passos no chão. preciso imediatamente voar. não há chão que dê conta de um insight. vamos acordar amarelos amanhã. me dê a mão. eu estou atravessando essa multidão. ela se mistura conosco e já não somos um só. não se guarde para o carnaval. ele pode não aparecer. nada mais banal que conclusões racionais. tão certas. tão retilíneas. logo. tão distantes do que é real. a propósito. não restou um dia sequer para dorian gray. os tinha a todos. e ao tê-los. escorria sobre seus dedos a chance de amar. o eterno enfastia e emperra a chance do evento. daí não brotam lembranças. elas não há mais. e como ter seus olhos sem o frio de ser aqui o termo da estrada. me dê assim a hipótese de caminhar. me dê sobretudo seus silêncios. para que assim a canção ecoe de maneira a descobrir aquele mapa astral por onde nos embrenhamos no inverno passado. me dê a passagem para aquela estação mágica. como nos havia prometido aquele joker-man que vagava pelas ruas de Roma. naquela madrugada não restou nenhum segredo entre as ruínas. agora sabemos que os antepassados deixaram guardada essa estrada. estarei amanhã na hora marcada. à espera de seus ais. me dê a mão. eu preciso jogar. saímos às 06h da manhã. e que toda a bênção baiana esteja convosco. nunca deixe de mirar os altares. leve-me ao cheiro de mirra. dê-me apenas aquilo que não podemos possuir. isso de ter ainda irá nos afastar. dê-me enfim. a chance de não possuir. já nos esperam os mais coloridos cantos. esta nota quer tocar. não me dê. somos tão jovens. invente. veja como um sol ao fim da tarde pode adubar o mundo inteiro. dê-me o mundo. aos poetas cabe apenas enviar telégrafos imemoriais.

**Bernardo G. B. Nogueira**

## NOTA TELEGRÁFICA 12

Creo que en alguno tiempo de mi vida tenga perdidomé ante el caminho. e quando me deparei com os ponteiros dos relógios. uma sensação estrangeira me raptava. uma espécie de canção de Belchior para ser mais preciso. não que lhe escreva de Sobral. posto que desconheço. as muitas moradas que vivi foram sempre me dadas por mãos desconhecidas. como o primeiro contato de Modigliani com os olhos que levaram sua vida para dentro da tela. não há precisamente estórias fantásticas por detrás dos poemas. mire que outra vez falávamos de Belchior enquanto a planície deixava o crepúsculo invadir o espelho. nada de metafísicas. que Platão não nos ouça. risos. haja Grécia para tanto trópico. imagina que no caldeirão da semana de 29. sinto de novo um Caetano colorir a impossibilidade do gozo alemão. que Hegel e Kant não nos ouçam. não é possível explorar essa fantasia que logo somos sem de alguma forma profanar essa compostura da palavra. e me irão dizer que trapaça e profanação são termos importantes da filosofia de um de França e outro de Itália. como se antes já não fôssemos tupis, guaranis ou qualquer rio que seja. fatalmente me perdi em alguma curva do caminho. que também em alguma medida seria a chance e a salvação de qualquer alma tropical. escrevi milhemas de letras em palavras desconhecidas. estrangeiras. como são distantes os sonhos. aliás. condição para que existam enquanto tal. não gostaria de me encontrar tão distante agora. mas entre a intenção de estar e a fantasia de querer ir. prefiro a imensa possibilidade de vir a ser. para que mesmo quando não restarem mais ideias. me caiba ainda dentro da canção. a hipótese da imaginação. a mesma que conduziu Bolívar. Che Guevara. Viničius e Lula. Florbela Espanca e Derrida. enquanto houver Lisboa me apaixonarei por Pessoa.

**Bernardo G. B. Nogueira**

# NOVA MORADA

Vai viver sua vida, passarinho  
Ainda que longe seja do seu desejado ninho.  
Construa nova morada, Alimente uma ninhada.  
Só não deixe de viver em outra terra.  
Perdeste algumas penas, bem verdade  
Porém, ganhaste um novo e altivo olhar.  
A partir desta nova estação,  
Trata de cuidar melhor do seu coração.  
Vigia-o a cada dia, Encha-o de tudo que mais lhe acalma,  
Adoce-o com o vento da manhã  
E enriqueça-o com o frescor da esperança a cada amanhecer.  
Novos dias, noites e cânticos ainda que tarde,  
Hão de aparecer.

**Ana Maria Pereira de Souza**

# O AMOR DEBÊNTURE

Pior que o vazio epistemológico é o vazio existencial.  
Pior que o mau humor é a falta de delicadeza.  
Bocas bonitas e grilhões de aspereza.  
Não esqueça: sorrir é essencial!

Sabores não são iguais; podem ser parecidos.  
As pessoas que te ouvem são as mesmas que falarão.  
Quando o olhar sentir medo, as pernas te levarão.  
Na memória, os amores esquecidos...

Se te tratar como qualquer uma, mande passar  
Porque merece achar coisa outra  
Tenha cuidado com ególatra  
Isso é um bom conselho: pode acatar

Pensamentos insones, deixe-os dormir...  
Não há mal que perdure  
Nem fortuna que dure

Corra. Tente se distrair  
A vida é um acaso, deixe-a ir  
Há quem aposte no amor como se fosse debênture.

**Ezilda Melo**

# O DESPEJO DAS LEMBRANÇAS

São 6:00 horas e mal o dia se ilumina entre a bruma do inverno Sofia é despertada pelo soar insistente do interfone alarmante ao longe. Tonta pelo súbito acordar percorre claudicante o assoalho frio com seus pés descalços e o peito a galopar. Assustada imagina: “Quem seria tão cedo?”

Ela atende ao chamado do porteiro num “bom dia” metálico pelo longo silêncio onírico da fala e é surpreendida com a notícia do oficial de justiça a caminho. Atordoada retorna ao quarto e veste seu longo robe de veludo vermelho, enquanto a campainha anuncia a chegada da intimação.

Mais um cumprimento de “bom dia” agora embargado, quase inaudível. Diante do documento suas lágrimas percorrem o rosto marcando a decepção inesperada até borrar a ordem de despejo estampada no papel timbrado. Assina-o perante a frieza do funcionário judicial acostumado aos tristes episódios sem se abater e recebe a cópia do seu desalento numa despedida protocolar.

Trêmula pelo nervosismo da notícia tem dificuldade em trancar a porta ressoando ao tilintar das chaves em dissonância com a sinfonia dos soluços ressentidos. Pois, havia pouco mais de um ano que se separara de Miguel e este ficara responsável pelo pagamento do aluguel. Agora, surpreendida pela quebra do pacto era novamente golpeada.

Ali, naquele apartamento, ela viveu muitos anos felizes até seu casamento ruir pela concorrência da amante. Olhou vagarosamente cada canto da sala como se revivesse momentos, os porta-retratos ainda estampavam a figura dele jovem nos eventos festivos, os quadros pintados em suas emoções, a mesa de tantos jantares, a cadeira cativa



da cabeceira que ele costumava sentar, o sofá já moldado pelos seus corpos de tantos filmes assistidos juntos e a estante sob medida com os seus livros misturados aos dele.

Nada foi mudado de lugar, nem mesmo a insígnia de posse dele lhe foi requerida como se ela esperasse a sua volta. Tanto que, todos os dias ao anoitecer em seus devaneios escutava o barulho de rotação do ferrolho da porta como se ele viesse arrependido da aventureira partida para súplica do perdão. Porém, doravante restou claramente notório que ele jamais retornaria.

Quedou-se inerte sentada no vão do corredor sem coragem de chegar ao quarto. Aquele aposento guardava os ruídos dos orgasmos abafados nos travesseiros para não acordar as crianças, da cumplicidade da divisão da cama, do adormecer abraçados de cansaço depois dos longos diálogos, da sombra dele admirada na penumbra da luminária quando lia um romance e do seu cheiro que ainda permanecia entranhado nas cortinas estampadas já desbotadas pelo tempo.

Desfazer-se de tantas lembranças lhe era insuportável.

**Ana Claudia De Almeida Garcia**

# O “ESTAR” E O “SER”

Somos pouco, quase nada / somos seres / somos vivos / seres vivos / e só/ mas estamos sempre / estamos felizes, tristes / estamos ricos, pobres / estamos à esquerda, à direita / estamos cá e lá / até quando não estamos “estamos”.

O que somos é quase nada / ou o “ser” é o todo / é o que importa, finalmente importa / Nessa senda, somos a totalidade dentro de cada unidade / somos o ar e o mar / somos o amor, dor e vigor / somos tudo e mais um pouco.

Se somos tudo, estamos todos / todos juntos / somos tudo e estamos sempre...

**Renato S. Schindler Filho**

# O GRITO MUDO E SURDO

Silenciosamente, gritam:

A terra, de cansaço no queimar do sol...

A sociedade das abelhas, das formigas...

A constelação estelar, o céu, o universo...

E a natureza, soberana e magestosa,

Sensivelmente escuta, atenciosamente.

Os inocentes gritam calados

Os deserdados, afônicos injustiçados

Caluniados, perseguidos amordaçados

Artistas e escritores censurados

Políticos vociferam politicamente

Outros falam mansamente

Todavia, não se ouve atentamente

Será preciso gritar, literalmente,

Para que o grito seja ouvido, definitivamente?

Grito de desordem ou de ordem

Grito de ignorância ou decência

Grito de protesto ou aquiescência

Grito de alegria ou de aflição

Grito de liberdade ou escravidão

Grito de guerra ou de paz

Grito ou silêncio, tanto faz

Grito mudo e surdo da sociedade

Manifestos e lutas...Apartheid

Governo corrupto sem credibilidade

Grito mudo sem eco constatado

Grito surdo sem foro privilegiado  
Grito preso pelo poder da autoridade.

**Jaécio Matos Santos**

# O INVERSO DO MEU INVERSO

Vivo uma vida ao inverso,  
Do inverso que não vive  
em mim.

Já pensei em fazer  
desfazendo.

Desfazer,  
fazendo.

Criar,  
recriando,

Recriar,  
criando,

Um novo mundo,

Onde pudesse

Me abrigar,

Me recompor e

Inverter o inverso

Que insiste em

Me revirar.

**Renan Francelino da Silva**

# O QUE SE BUSCA É ENCONTRADO?

Está lá, posta em seu altar  
Distante de todos, mas ainda presente  
Não pode ser tocada, talvez percebida  
Palavras não a traduzem, então é dita por sussurros

Ecos de um algo, presença sentida  
Envolvida por uma penumbra, seu semblante é desconhecido  
Restam traços, vestígios, pedaços  
Estes juntos, constituem apenas parte do Todo

Qualquer tentativa de dizê-la é insuficiente  
Toda busca ao seu encaço é vã  
Tatear no escuro é o que significa a sua procura  
Uma linha intransponível se faz presente no limite

Há quem diga que a encontrou  
Anunciando o dito êxito a todo canto  
Dá-se um nome, estabelecem-se explicações  
E quem a diz acaba por se tornar a sua detentora

Mas o que se houve são grunhidos  
O que se vê são imagens turvas  
Nada daquilo que se diz ser  
Constitui a própria coisa

De todo modo, o rebanho é agrupado  
E o seu guia é quem diz a Lei  
Seriam incautos, vedados pela resignação  
Ou iluminados que alcançaram o Todo?

Seja como for, o mistério permanece  
Sabendo que há algo lá, a curiosidade move o trilhar  
A questão que fica, é a que mais intriga  
Se o que se busca é encontrado

**Paulo Silas Filho**

# O REFLEXO NO ESPELHO

Lavo meu rosto  
Borrado pelo pranto  
Esfrego bastante  
Na tentativa frustrante  
De apagar todo sofrimento.

Enxugo meu rosto  
Que seco apontam  
Meus olhos embotados  
Por sua imagem  
De costas para nosso futuro.

Vejo meu rosto  
Refletido no espelho  
Sem viço  
Apenas marcado  
Pelas mágoas do passado.

**Ana Claudia De Almeida Garcia**



# ODE À CONSTITUIÇÃO

Pobre Constituição,  
tão jovem e tão remendada  
Tão jovem e desrespeitada  
Tão jovem e mal interpretada  
Até quando continuará  
A ser assim tão aviltada ?  
Não se sabe, ainda,  
mas tomara  
que nunca chegue ao ponto de termos  
que fugir para a Paságarda.

**Jefferson de Carvalho Gomes**

# OLHOS

Olhos escancarados, curiosos, vigilantes e inseguros...

Olhos que desnudam a realidade e a vestem de ilusão...

Olhos de memória, de essência...olhos da existência...

Olhos marejados de sentimentos e embebidos na emoção...

Olhos secos, cruéis...

Olhos sem destinos...olhos de solidão...

Olhos, só olhos...da janela da alma ao espelho do mundo, fotografam a (im)perfeição da cor, da dor, do amor...

Olhos de satisfação, de simples alegorias, trazem de fora o que dentro têm pra mostrar, trazem no espírito o brilho do olhar..

Olhos de silêncio...

Olhos de vida...

Olhos de decepção...

Olhos de poesia...

Olhos de paixão...

Olhos, só olhos!

**Taysa Matos**

## PARAHYBA FEMININA

Olhei para o céu no mês do São João. Ele continuava lindo. Fogueiras incendiárias das ancestrais femininas douravam o milho, tão saboroso. Foi quando fiquei na janela te esperando. O tempo, em cristais de flor, reluzia branda e longamente na memória do presente. As bandeirolas enfeitavam as ruas das meninas que só pensavam em namorar. Ele me chamou de jóia do nordeste: uma Turmalina Paraíba, um mineral prismático de três faces, um cristal que a fractura é sub-concoidal e regular e me apresento multi-colorida, nas diversas cores do arco-íris ou dos vestidos de chita. Em tempo de mentiras, existem gemas, bolsas, telas e roupas falsas. Os piratas vão dançar a quadrilha. A saudade do meu bem, brilha como uma turmalina e maltrata meu coração. O amor é ilusão. Santa Luzia me fez enxergar.

**Ezilda Melo**

# PEDRA DOS DOIS OLHOS

O relógio marca... Já possuí do dia a metade.

Exausta, paro no sinal.

Já não tenho pressa...

Já não somos mais...

O tempo se arrasta por meu corpo inerte e me arranca um pedaço, uma imensidão, uma floresta.

Lembranças suas me arrebatam, me perdi nos dias em que os Olhos da Pedra saltaram para ver o laço negro de nossos corpos ébrios de amar.

Já não estou aqui...

Aos pés de generosas montanhas, olhos atentos acusam beijos suplicantes.

Lábios pretos me passeiam, meu colo maduro te recebe como realeza que és e te acolho não em meu corpo, mas em minha alma.

Gemidos, sussurros...

Ronrono seu nome bem baixinho quase sem voz.

Me cravo em tuas costas , tuas curvas, arranco pedaços de ti.

Lábios, boca, língua tudo é meia luz explorando meu corpo, lágrimas escorrem...

Abrigo-te em meu ventre e digo:

- Quem me dera gerar um filho teu!

Você, menina, apenas sorri...

Surpreende-me, me toma entre dedos, suas mãos me dizem coisas que ainda não sei sobre mim e arrancam segredos, gemidos, delírios...

Despe-me de tudo que acredito e brinca de amar e eu já não sei se é mentira ou verdade

Já não sei se é real...

Não me basto, um rio de água doce flui de mim, banha correnteza entre minhas pernas, carícias mergulham em meus montes...

Seu tempo generoso me bebe e se embriaga, veleja macia e preta em minhas águas, não me caibo, já não tolero quaisquer das barreiras que o mundo e o tempo nos impôs , me arranca em prazer e lágrimas, o suspiro, o gemido, a alma.

**Paloma Leles**

# PÉROLAS

Cultivo pérolas

Mergulho fundo na imensidão azul... Cavo em vários abismos... Alguns escuros... Ou em corais coloridos...

Deparo com o desconhecido

Nesses mares que a vida me permite ...

Sou movido pelas marés

Sou guiado pelo luar

Vivo no embalo das ondas

Sempre a vagar...

Cultivo joias raras

Achados que lapido como um ourives...

Observo cada detalhe

Cada brilho me que me seduz

Cada cor que se transforma...

Algumas das minhas pérolas

Me escapam das mãos

E o mar leva pra longe...

Outras ganham vida própria

E, raras que são, brilham mais forte que as outras...

É o mistério da vida...

Esta maravilha que hoje tanto brilha...

Não passava de um grão de areia...

**Sergio Matos**

# PINTURAS

Nosso amor era um Dali: você, um paranoico megalomaníaco; eu, a musa na persistência da memória que o tempo desintegrou.

Nosso amor era um Monet: você um impressionista das flores; e eu, uma impressionada por jardins da alma.

Nosso amor era um Caravaggio: você a sombra; eu, a luz.

Nosso amor foi pintado nas ilusões da minha imaginação.

**Ezilda Melo**

# POR QUE POESIA?

Não se vive sem ar,  
água e comida.  
Mas andar sem poesia  
é manter o corpo aquecido  
de forma artificial.

A poesia é o que nos difere  
de um animal irracional,  
embora ele também possa  
inspirar poesia,  
ainda que sem saber.

A poesia transforma  
o efêmero em eterno,  
o instante em contínuo  
e o fugaz em imortal.

Não me deseje o mal,  
nem queira me tolher:  
privar-me da poesia  
é assassinar silenciosamente  
meu desejo de viver.

**Rodolfo Pamplona Filho**



# PORQUE EU SEI OS DEFEITOS QUE COMETO

Quando eu morava no lugar de pedrinhas de cristal, conheci um velhinho, bem velhinho, desses ranzinzas (tipo eu). Era um pintor. Pintor à moda antiga. Retratasta. Copiador. Tinha uma grande virtude em manipular tintas e pincéis com habilidade e maestria. Seus quadros eram fotografias perfeitas. Faltava-lhe, diziam os acadêmicos, um acurado escudo e compreensão da arte, como a arte já se manifestava então, subjetiva e criadora. Só isso tudo que faltava, porque a sua escola era outra. Valorizava a perfeição final de sua obra, valorizando as cores e os traços principalmente. Era objetivo! E eu me lembro de sua ranzinze (ou ranzinze?) e a implicância que lhe pesava, por sua família em teimar arrumar e limpar o seu ateliê. Era uma guerra que durou até o seu fim, imagino, pois não vi. Vi uma escultura feita por ele em marfim. Uma miniatura de um Cristo Crucificado, onde distingui músculos, veias e chagas. Quanta perfeição, eu vi, naquele minúsculo Cristo pregado ao lenho, caprichosamente feito em madeira, onde estava o pedaço de marfim cravejado. Pois é. A minha ingenuidade era tão grande (como ainda é) que eu disse ao Sr. Rubens: “Que belo, que perfeição, que escultura bem feita!”. Ele fez um beijo enorme. Olhos lacrimejantes, porque seus olhos lacrjavam, mas ele jamais usou óculos, me contaram, nem para as minúcias feitas pelos olhos supostamente cansados. Então, ele fez o beijo enorme, me olhou de carantonha, cerrado e frio: “Jamais, Jamais me sinto perfeito, menina! Ou bem feito o que faço. Porque eu sei os defeitos que cometo. E se um dia eu achar que faço e bem feito e perfeito, finalizo a minha obra. Não preciso procurar mais...”

**Eliene Rodrigues De Oliveira**

# PRAIA

Quando estou  
Em outra companhia,  
A sua companhia  
É pura solidão...

E o novo vento a seu gosto,  
De mãos entre cabelos,  
Afaga sinuoso  
A velha face do meu rosto.

**Marisa Falcão**

# PRIMEIROS VERBETES DESALINHADOS DE UMA LÍNGUA EM CONSTRUÇÃO

Nudez

s.f.

estado do corpo ou da alma, ou de ambos;

a face oculta;

pintura ruprestre;

aptidão para a morte;

Vestido

s.m.

tecido pendurado ao vento;

moldura do corpo de mulher;

uma janela para o mundo;

tempo verbal da civilização;

Mão

s.f

instrumento para testificação do real;

autoria do poema empírico;

visitante em terra natal e/ou estrangeira;

mapa da vida;

ponte;

Olho

s.m

espelho da natureza;

oráculo;

coletivo: uma jabuticabeira em ponto de colheita;

o mito e a caverna.

**Luciana Pimenta**

# QUANDO NASCER MULHER

Quando nascer mulher e comigo a liberdade,  
não serei a Amélia que chora e ignora,  
nem serei a Pagu sem juízo que nas incertezas comemora.

Quando nascer mulher e comigo a ousadia,  
não serei a Simone de Beauvoir para saber amar,  
nem serei a Maria Bonita que do cangaço é rainha.

Quando nascer mulher e comigo a elegância,  
não serei a Coco Chanel para de estilos falar,  
nem serei a Diana de Gales do povo a princesa.

Quando nascer mulher e comigo o poder,  
não serei a Cleópatra herdeira e soberana,  
nem tão pouco a Indira Gandhi estrategista.

Quando nascer mulher e comigo o conhecimento,  
não serei a Maria Curie para a radioatividade dominar,  
nem serei a Hipácia para em Alexandria brilhar.

Quando nascer mulher e comigo a arte,  
não serei a Tarsila do Amaral que o traço modernizou,  
nem serei a Elsa Soares para no sofrimento cantar.

Quando nascer mulher e comigo a compaixão,  
não serei a Zilda Arns Neumann que da morte salva,  
nem tão pouco serei a Irmã Dulce que vive para os necessitados.

Quando nascer mulher e comigo a coragem,  
não serei a Anita Garibaldi para dos dois mundos ser heroína,  
nem serei a Maria Quitéria para na guerra da independência liderar.

Quando nascer mulher e comigo a poesia,  
não serei a Cora Coralina a poetisa,  
nem serei Carolina de Jesus que pela “Folha da Noite” e “Quarto de despejo” se libertou.

Quando nascer mulher e comigo a luta,  
não serei a Maria da Penha para a justiça buscar,  
nem tão pouco serei a Dandara para no quilombo guerrear.

Quando nascer mulher e comigo a esperança,  
não serei a Zuzu Angel para um filho querer enterrar,  
nem serei a Leolinda Daltro para pelos índios lutar.

Quando nascer mulher e comigo a sabedoria,  
não serei a Nísia Floresta para as mulheres ensinar,  
nem serei a Rosa Luxemburg para revolucionar.

Quando nascer mulher e comigo a certeza,  
serei a apenas a MULHER que escolhe seu caminho...  
a MULHER que vive sua história...  
célebre ou anônima...  
a MULHER que faz o seu destino...  
que sabe ser MULHER!

**Taysa Matos**

# QUEBRA-CABEÇA EM PEÇAS DESENCONTRADAS

Fui criança enternecida,  
adolescente sonhadora e intransigente,  
escultora de jardins suspensos em Babilônia,  
busquei conchas no fundo do mar,  
guardei poucos segredos, me devassei por inteiro.

Prendi a borboleta na alma,  
e tranquei suas asas na minha ilusão,  
percebi a inutilidade da busca,  
mas ao mesmo tempo,  
desejei ir ao fundo do poço,  
só para subir ao pico mais alto,  
encostava as mãos suando frio,  
nas nuvens e estrelas, então soluçava,  
como gotas de orvalho nos gramados febris.

Joguei minha nau em alto mar,  
quase segui Sócrates e tomei cicuta,  
mas me envenenei ao ouvir duras palavras,  
e banhei-me na doçura em licor,  
em mel, em fel, enlouqueci.

Perto da fonte entre juízo e loucura,  
libertei a borboleta dona da alma,  
aprisionada, obstinada,  
e a deixei mendigar, como libertina,  
e vadia, sem valor, pouco valor,  
em valor algum, mas aprendeu a voar.

Cresci como poeta,  
Briguei com meus lados opostos,  
mas me fiz uno, universal,  
busquei tesouros nos navios naufragados,  
e quase me esqueço em mim.

Me enriqueci então como ser humano,  
humanamente sou feliz,  
porém delirei com leitos desarrumados,  
nos romances das madrugadas, tão sonhados,  
me perdi.....

Alucinada substitui a dor por canto de amor,  
tentei montar o quebra-cabeça,  
e nas peças desencontradas e picotadas,  
encontrei forças para continuar e caminhar...

**Fabiana Otero Marques**

# R(EVOLUÇÃO)

Que você viva o luto  
Que seja ele substantivo e verbo  
E que saiba conjugar  
Sem ponto, sem vírgula  
Que passe a ocupar

Que sejamos (or)ação  
Que vem para amplificar  
Os sujeitos que precisam falar  
A parte da resistência que precisa acordar

Que viva a (r)evolução:  
“Ninguém solta a mão.”  
Gritemos.  
“Viva a (r)  
e  
v  
S o l u ç ã o!”

**Monaliza Maelly Fernandes Montenegro De Morais**



# RENASCER DAS PRÓPRIAS CINZAS

A folha caiu da árvore ao chão;  
Haveria se findado? Apodrecido?  
O adubo em que se transformou fez renascer a si própria.

Como o fênix que renasce das próprias cinzas;  
A folha em decomposição alimentou a própria semente;  
Nasceu como uma árvore mais forte, mais segura, com melhores frutos.

Pode compreender que a morte significa a vida;  
Que erros, representam acertos;  
Que fatalidades na vida, representam grandes lições;

Como as lágrimas do fênix que curam qualquer ferida ou enfermidade;  
A folha compreendeu sua razão de ser e de existir;  
Virando adubo, viveu para sempre, mais uma vez...

A crença do renascer de si próprio.  
Enriquece a todos;  
É a perpetuação da esperança, da ressurreição da alma, do fim que se reinicia a cada instante.

**Affonso Ghizzo Neto**

# RESPEITO

As mãos que o sucesso aplaude,  
são as mesmas que fechadas batem,  
naquelas que não se abrem  
com um simples gesto de falar  
no propósito de denunciar  
o brilho que um certo alguém, deseja apagar.

Apagar de forma moral ou brutalmente sexual  
o desenvolvimento de uma mulher  
é lançar a própria sorte  
ou preferir, até a morte, podendo-se assim dizer  
Por que uma mulher, comparada com uma rosa  
Não veio ao mundo para sofrer e sim para florescer.

Florescer e dar frutos, se assim desejar.  
Florescer e crescer visando amadurecer  
Ser acarinhada num tocar, ou num simples olhar  
É se sentir valorizada e novamente comparada  
não mais a uma rosa, mas sim a um buquê

Mulher de várias fases que pode ser flor para decoração  
e ao mesmo tempo entrar em atividade como um vulcão  
Não importa se é mulher de peito, ou em que fase ela esteja,  
é necessário que você veja, que o que ela necessita é unicamente RES-  
PEITO.

Respeite quem pode parir, respeite quem não pode gerar,  
Respeite quem na rua precisa parar para amamentar  
Respeite quem domina a tecnologia e não sabe cozinhar  
e também àquela que cozinha mas não sabe digitar

Inúmeras coisas poderia aqui citar  
Mas aqui deixo o meu pleito  
Sinceramente o que mais queremos na vida  
é RESPEITO

**Eliane Câmara**

# RODOVIÁRIA

Uma fria manhã de agosto...  
Para um encontro?...  
Quase madrugada...  
Os quinze minutos que correm  
das palavras ardentes de Maria Thereza Horta  
ao despertar de Ruy no bilhete de Maria...  
Na lentidão do tempo rápido,  
o denso silêncio eloquente dos olhos  
e o cheiro sem pressa de sua suave respiração...  
Na perfumada despedida,  
a presença se esvai em brumas reticentes...  
O despedir-se daquilo que não chegou...  
Partamos sós nessas viagens diárias,  
mas no a sós irrealizável,  
é meu o perfume masculino de sua barba ausente.  
Somente meu, viajando por minha face,  
duas lentas... e perfumadas horas.

**Marisa Falcão**

# SENHORINHAS DE VELÓRIO: MEU EPITÁFIO

Quantas senhorinhas subversivas  
enfim chorarão meu peso morto de defunto,  
descendo irônico pela vala que nunca me terá,  
porque terei eu, antes, subvertido,  
no instante da vala,  
também a própria vala?

**Paulo Ferrareze Filho**

# SER CRUEL

Vanglória fria dita desamor  
Sentido altivo na desafeição  
Agrura vista que te dá sabor  
Redoma hostil de moralização

Ardil a outro cospe veio mal  
Pesado ódio firma objeção  
Vaidade doce que te sangra sal  
Necrose lenta de um coração

**Claudio Melim**

# SER PEIXE

ser a guelra  
do peixe  
a escama  
da guelra  
do peixe  
ser barbatana  
de peixe  
a escama  
que escama  
a guelra  
do osso  
do peixe  
ser a cartilagem  
que dobra o peixe  
ser olhos de peixe  
ser olhos boca  
ópera de peixe  
a carnuda  
cavidade  
do peixe  
ser espinho  
espinha que  
rasga o peixe  
nadadeiras  
que escapam  
longe  
ser o longo  
dorso do peixe  
em linha curva  
ser a zona neutra  
do aquário  
o opérculo  
semicircular  
de guelras  
arco de arpão  
isca de anzol  
ser anzol e peixe

ser a isca  
na guerra  
ser a guerra  
do peixe na  
água  
o corpo-orifício  
o ar da narina  
o branco da  
fenda branquial  
o olfato  
ser o nervo  
tongue de peixe  
de língua  
fusiforme  
fiando a água  
o céu o mar  
fluindo na  
sonda aquática  
onda de voz  
raio rima  
peixe-mulher  
ser medusas  
cristais de guanina  
maré  
em água doce  
ser o sal  
ser o peixe  
de sal  
celacantos  
do peixe  
ser o muco  
da truta arco-íris  
o truque da água  
a moreia de mole  
corpo anguiliforme  
ser peixe  
ser a guelra  
do peixe

**Lia Testa**



# SINTONIA

Sintonia é o que transforma meses em anos. É o que faz com que o tempo seja medido em encontros. É o impulso que simultaneamente une duas bocas num primeiro beijo. É o abraço invisível entre almas quando os corpos sequer se conhecem.

Sintonia é a harmonia de desejos. É o que conduz um girassol a virar para o outro quando não há sol. É o que faz com que minutos juntos ofusquem a distância que separa.

Sintonia é não perceber tempo e espaço, é ter os mesmos planos de forma inconsciente, é compartilhar das angústias não ditas, é estar perto quando se está longe.

Sintonia é a harmonia perfeita mesmo quando todo o resto parece imperfeito.

**Rafaela Alban**

# SÓ RESTARAM AS VALAS

É preto, é pobre, é pilão de gente / é massa, argamassa, é liga que nos liga / é terra, nossa terra, em Tupi e Yorubá;

Mas não se sente a dor, pois ela não é nossa, ela não se vê / está na veia do escravizado / está nas mãos e pés rachados / os tambores foram levados. Sem Òrun, só Àyìè / só realidade sem sonho / só terra fria batida / e mais e mais dor no tempo da dor.

É o sangue que jorra nas ruas / ruas perdidas ou mentes perdidas / e lá estamos parados, imobilizados / e lá estamos, com nossos sonhos roubados. Um sorriso desbotado, cansado / um poeta perdido, atordado / é o vento que sufoca / é a tinta que não mancha / é a água que não molha / é a vida sem vida;

Só restaram as valas, só restaram às valas...

**Renato S. Schindler Filho**

# SONETO DA DESPEDIDA

A despedida não poderia ser diferente;  
Infelizmente não tão contente;  
E com a alma sombria e escura;  
É chegada a hora de partir para sempre;

Certo de uma desvalorização absurda;  
Num quadro clínico de loucura;  
Numa sombra infinita de amargura,  
Ponho-me em prantos serenos a gritar!

Na elevada altura de um desespero,  
Coloco-me de joelhos,  
Já sem forças para lutar!

Com a esperança de uma relva simples e pura,  
Vou curar minha amargura,  
Num novo seio que hei de encontrar.

**Cássio Pitangueira**

# SONETO PARA MARÇO

As flores que recebi, aos maços  
Apertadas em seda e em laços  
São expressões, são vestígios de um coração  
Acostumado em conquistar uma paixão

Não me contento em ver, da janela, a pequena brecha de sol  
Quero mais: quero o céu num paiol  
E peixes furta-cor, pescados em sonho, sem anzol  
Quero mosaicos, paetês e retalhos, não quero ser caracol

Quero a elegância no olor  
Quero seu olhar sincero em furor  
Quero o peso do seu ardor

Sentir seus beijos e seu calor  
Saber de atitudes e exemplos de valor  
Tudo isso sem sentir dor. Só amor.

**Ezilda Melo**

# TEMPO DE SER

Tirei o luto  
Encurtei o vestido  
Me vesti de mar.  
Desviei o olhar  
Para ver  
O que há  
Para mim.  
Tempo de rir  
Egoistar  
De me gostar  
Saborear  
Poder errar  
Tempo de ser.

**Nely Nazareth**

# TUDO DE MIM

Quero viver com você!

Se já vivo,

quero viver mais:

Mais perto

Mais tempo

Mais quente

Mais vivo

Você merece o que há de bom!

Se já tem,

Quero dar tudo:

Tudo de vivo

Tudo de delicado

Tudo de romântico

Tudo de intenso

Tudo de mim!

**Rodolfo Pamplona Filho**

# UM MAR DE AMOR

Éramos apenas dois  
A caminhada parecia conhecida  
Era fácil imaginar o que viria depois  
Apenas seguindo a ilusão atrevida

De repente, um oceano  
A emoção do encontro  
Uma parada num novo plano  
A chegada num outro ponto

Pela sua lente  
Vimos um mundo azul  
Mar e cor  
Céu e mar  
Amor, Mamá

Era todo um mar de vida  
E transformou para sempre tudo em volta  
Era fácil avistar uma onda incontida  
Que veio crescendo e bateu à nossa porta

Um sol gigante reluzia  
Não havia nenhuma dor  
O grande ficou pequeno  
Somente espaço para o amor

Pela sua lente  
Vimos um mundo azul  
Mar e cor  
Céu e mar  
Amor, Mamá

Nada tem o poder de deter  
O sentimento infundo  
Fonte de tudo que se possa querer  
Limite para o que não é bem-vindo.

Ao encontrarmos a razão  
O motivo para sermos felizes  
Vemos o que dá sentido, então  
E aprendemos a apreciar os mais belos matizes, matizes.

Marina não é só uma menina  
É a síntese do amor  
A luz que nos ilumina  
O abraço que nos dá calor

**Cyntia Possídio**



# UM POEMA DE AMOR, FANTÁSTICO (A BORGES)

era tão bom  
quando você amava  
e as ruas se tornavam  
feito arenas  
nas quais o tempo  
digladiava entre ontens queridos  
e amanhãs que nunca tardam  
posto que chamas,  
e assim  
andava aos saltos  
melhor, voava  
queimado desde dentro  
os rios já eram em veias  
e jorrava entre os ponteiros  
não havia sequer segundo  
onde as ardências do solo  
não depusessem seu riso,  
e feito areia do Saara  
na mesma esquina em que te vi  
a derreter em verão portenho  
deixei sentado Jorge Luis Borges  
e voamos pelo Rio da Prata  
onde até hoje  
quando sonho  
vejo as labaredas do seu gozo  
não é fantástico o amor..?

**Bernardo G. B. Nogueira**

# VACA PROFANA

O Chico já foi meu preferido  
Comecei amando  
Por causa de uma garota  
Ela dizia  
Que sem Chico  
A vida não “flui”  
Ela parecia saber das coisas  
Eu  
Só sentia mesmo  
Mas aí  
Em uma tarde quente  
me derreti a estes olhos  
E de macho  
Me tornei quase Teresa  
Que não tinha praia  
Mas que passava estações à espera  
Foi quando conheci Caetano  
Bom  
Aí já não era amor  
A gente se atracou logo  
De pronto fiquei mole  
Duro  
Salvador Dali  
E já era o verão  
Me mudei pra Bahia  
Desde então  
Vivo vermelho  
Meio Vadinho  
Meio Amado  
E quando vem a vida

Que é onda e tal  
O mundo sorri  
E me deito  
Espero  
E ele vem  
Desse dia em diante  
Nunca mais o mundo ficou em silêncio  
E as noites são encantos  
E os corpos estrelas  
Igual Aquela que cantou pra mim  
Como dois e dois são cinco  
Em Londres  
Próximo a Santo Amaro da purificação

**Bernardo G. B. Nogueira**

# VOAR

Voar é sentir o corpo levitar. É tirar os pés do chão, atingir o céu e tocar as nuvens. É desafiar a gravidade e enxergar paraísos não percebidos.

Voar é sonho e realidade. É a rara capacidade dos pássaros não conferida aos humanos e o verdadeiro privilégio daqueles que descobrem o que é amar e ser amado.

Voar é esquecer a realidade diante da ternura de um olhar apaixonado, de um sorriso espontâneo ou de um abraço apertado. Voar é sentir os pés levantando num beijo. É ter alguém para chamar de lar.

Voar é o privilégio de encontrar o toque que te leva às nuvens...

**Kleber Zanchetta e Rafaela Alban**

# VOCÊ PRECISA DIZER EU TE AMO

Pode ser para mim  
Pode não ser para mim  
Você precisa dizer eu te amo.

Você precisa colocar o seu coração na mesa  
Você precisa servir-se desse banquete  
Você precisa enlouquecer de paixão  
Você precisa viver essa emoção

Você precisa dizer  
O que é importante pra você  
Você precisa saber  
Viver por um triz  
Fazer o que te faz feliz

Você precisa acordar as oito  
Beber depois das dezoito  
Fazer o seu biscoito  
Ser feliz no coito

Você precisa de alguém para amar  
Para você cuidar  
Para te chamar de meu  
Para ser sua inha.  
Te colocar na linha  
Para chamar de minha.

Diga eu te amo para quem entende a sua alma  
Para quem te escuta com calma  
Para quem enxerga a tua aura  
Para quem te põe em pauta.

Tenha um amor na sua vida  
Deixa de tanta briga  
Vem cá, me dá um abraço

Esquece esse sufoco  
Me beija o pescoço  
Me arre pia de alegria  
Dê uma chance à esperança  
Volte a ser criança.

Você precisa dizer eu te amo  
Pode ser para mim  
Pode ser agora.

**Bartira Macedo Miranda**

# VOZEARIA E SILÊNCIO

Quando tanta e tanta gente  
Das mesmas coisas só fala  
Talvez falando diferente  
Se abram caminhos na mente  
Se divise nova ala.

Quando a guerra de argumentos  
Não podes conciliar  
(Tantos interesses e ventos  
De moda e orgulho no ar)  
Com garbo explique na praça  
Quem sua tese estimar.  
Dissipe a Luz a fumaça

Quem relute acreditar  
Não se faça populaça.  
Quem duvide de opinar  
Precisa a massa engrossar?

Porque há dúvidas, amigos!  
Ele há matizes preciosos,  
Há incertezas e perigos  
E silêncios mui honrosos.

Perante agressão gratuita  
O Sabe-tudo aldrabão  
Bravata de fanfarrão  
Haja prudência, haja muita.

**Paulo Ferreira da Cunha**



**tirant**  
lo blanch

[www.tirant.com/br](http://www.tirant.com/br)